

FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Docente: Prof. Doutor Joel das Neves Tembe

Discente: Calisto Baquete

[lbaquete@yahoo.com.br](mailto:lbaquete@yahoo.com.br) 843012814

Trabalho em curso

Génese da oposição à Frente de Libertação de Moçambique FRELIMO - (1960-1994): Caso do

COREMO

## Acrónimos

Acrónimo .....	4
Resumo .....	6
1.1. Motivação .....	7
1.2. O objectivo Geral .....	8
1.3. Problema .....	8
1.4. Hipótese .....	9
1.6. Enquadramento teórico .....	13
1.7. Metodologia .....	18
1.8. Limitações de Estudo .....	19
1.9. Estrutura do Trabalho.....	19
2. CAPÍTULO I .....	21
2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO.....	21
2.1.1. Quadro Físico de Moçambique .....	21
2.2. Portugal .....	24
2.3. Génese do Nacionalismo.....	24
2.4. O Nacionalismo e os Movimentos de Libertação em Moçambique .....	26
3. CAPÍTULO II .....	30
3.1. GÉNESE DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE.....	30
3.2. MANU – Mozambique African National Union .....	31
3.3. UDENAMO – União Nacional Democrática de Moçambique .....	33
3.4. UNAMI- União Africana de Moçambique .....	34
3.5. Unidade Nacional.....	35
3.6. FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique .....	37
3.7. FRELIMO - Sustentabilidade .....	38
4. CAPÍTULO III.....	42
4.1. A GÉNESE DO COREMO SUA RELAÇÃO COM A OPOSIÇÃO Á FRELIMO .....	42
4.1.1. Introdução .....	42
4.1. Mobil da Formação do COREMO .....	43
4.1.1. Fundação do COREMO .....	48
4.2. COREMO – Solidariedade e Sustentabilidade .....	51

4.2.1.	Apoios a COREMO .....	51
4.2.2.	LUTA DE LIBERTAÇÃO .....	54
4.2.3.	Bases Militares.....	54
4.2.4.	Acção Militar .....	55
4.2.5.	COREMO Degeneração Versos Hibernação .....	56
5.	IV CAPITULO.....	58
5.1.	O DINAMISMO DA FORÇA DE OPOSIÇÃO .....	58
5.1.2.	UNAR - Rombezia African Nacional Union .....	59
5.1.3.	ALCORA Acordo Secreto – Africa do Sul, Portugal e Rodésia.....	60
5.1.4.	MNR – RENAMO versus COREMO regeneração.....	63
6.	CONCLUSÃO .....	65
	BIBLIOGRAFIA .....	73
	Documentos .....	73
	Artigos .....	79
	Referencias bibliografica .....	79

## **Acrónimo**

CEA	Centro de Estudos Africanos
COSERU	Comité Secreto de Restauração da UDENAMO
NESAN	Núcleo dos Estudantes Africanos Secundários de Moçambique
PSC	Partido Socialista Católico
PLM	Partido de Libertação de Moçambique
PUN	Partido da Unidade Nacional
UDENAMO	União Democrática Nacional de Moçambique
MANU	Mozambique African National Union
UNAMI	União Africana de Moçambique Independente
UNEMO	União Nacional dos Estudantes de Moçambique
UDENAMO Monomotapa	União Democrática Nacional de Moçambique Monomotapa
MANC	Mozambican African National Congress
FUNIPAMO	Frente Unida Anti-Imperialista Popular Africana de Moçambique
MORECO	Mozambique Revolutionary Council
MOREMO	Mozambique Revolutionary Council
COREMO	Comité Revolucionário de Moçambique
MOLIMO	
FUMO	
GUMO	Grupo Unido de Moçambique

FICO	Frente para Independência e Continuidade de Ocidente
UNAR	União Nacional da Zambézia
SAVAM	Sociedade Algodoeiro Voluntaria Africana de Moçambique
MNR	Movimento Nacional de Resistência
RENAMO	Resistência Nacional de Moçambique

## Resumo

O presente trabalho pretende estudar de forma histórica a génese dos movimentos de oposição à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), no período de 1960 a 1994 para perceber a dinâmica dos grupos antagónicos. Na impossibilidade de estudar todos os grupos, o COREMO é o objecto deste trabalho. O objectivo é analisar a natureza das causas do antagonismo entre os grupos, partidos políticos movimentos armados em Moçambique a partir da desconstrução “conflitos étnicos”, a fim de mostrar que as principais razões foram de dimensão étnico-económica. A metodologia de trabalho baseou-se maioritariamente na confrontação de memórias, vários estudos, entrevistas e documentos primários inerente a correspondências, relatórios entre outros do COREMO e dos Arquivos da PIDE/DGS. A análise concentrou-se primeiro no período pré-colonial caracterizado por um antagonismo entre grupos étnicos e lutas de resistência dispersas, seguido do período colonial, consolidação e clivagens pela liderança dos movimentos nacionalistas. Adiante analisa o período das lutas armadas até a assinatura do cessar-fogo, momentos de discórdias sobre tudo as forças externam e internas concorrentes ameaçados pela independência e criação da nação. Estuda também a aparente degeneração do COREMO e por último a fase de reafirmação dos partidos e movimentos de oposição no período pluripartidário.

**Palavras chaves:** COREMO, FRELIMO, Nacionalismo, Etnicidade e Movimentos Políticos

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1. Motivação

O tema que norteia estudo está intimamente relacionado com o gosto pessoal e com o próprio interesse profissional de investigador da História da Luta de Libertação Nacional, sua relação com a região da África Austral.

Especificamente pretende-se perceber no âmbito histórico a génese dos movimentos, partidos ou grupos políticos militares de oposição à Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), posteriormente Partido Frelimo, no período de 1962 a 1994. Na impossibilidade de estudar todos os partidos de oposição, as generalizações são feitas a partir do estudo do movimento Comité Revolucionário de Moçambique (COREMO).

A criação do COREMO teve seu início em 1963, segundo uma entrevista concedida por um dos fundadores, Guidione Fanuel Mathuza (SAVANA, 2000:2), onde avançou que a emergência deste movimento foi resultado da fragmentação de vários grupos logo após a formação da Frente de Libertação de Moçambique em 1962, e que o mesmo foi formado na Zâmbia a 31 de Março de 1965.

O grupo definiu-se como Comité de Revolução e postulava pela Luta de Libertação de Moçambique, ou seja, tinha como objectivo aniquilar o imperialismo português e restabelecer o poder político, económico do povo moçambicano (CONSTITUIÇÃO, 1965:1-28)<sup>1</sup>.

A escolha desta baliza temporal de 1960 a 1994, justifica-se pelo facto de a década de 60 ser um marco histórico e por ser caracterizada por uma maior expressão do nacionalismo em África, e em especial em Moçambique. 1994, foi o ano em que se consolidou a democracia liberal em Moçambique, e foi neste mesmo realizadas as primeiras eleições multipartidárias, processo que para além de acolher as ideias antagónicas, construiu novas identidades políticas, sociais e económicas a semelhança da África do Sul, que pela primeira vez teve um governo democrático com um presidente negro, Nelson Mandela. Este facto influenciou a África e o Mundo, e dinamizou a Comunidade de Desenvolvimento da África Austral.

---

<sup>1</sup> <http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.CHILCO246-Description-COREMO> Constitution and Programme following the first Congress. 28 p.1965

## **1.2. O objectivo Geral**

O presente trabalho tem como objectivo geral o seguinte:

Compreender a dinâmica dos movimentos em oposição a FRELIMO, colocando o duplo desafio nacionalismo e etnicidade.

### **1.2.1. Os objectivos específicos:**

- Contextualizar a génese do nacionalismo em África e Moçambique;
- Identificar cronologicamente a história da emergência do COREMO, e sua oposição à FRELIMO”;
- Relacionar os aspectos do antagonismo a FRELIMO no período em análise;
- Perceber a dinâmica da oposição à FRELIMO.

## **1.3. Problema**

Até que ponto a emergência e natureza do COREMO, o primeiro partido de oposição à Frente de Libertação de Moçambique e do sistema colonialista, se justificam com a categoria conflitos tribais?

Sabido que o derradeiro objectivo da criação dos movimentos de libertação era a luta contra o colonialismo, uma vez conquistada a independência em 25 de Junho de 1975. Era suposto estarem realizados os objectivos dessas lutas armadas em Moçambique.

Foi nestes princípios que nasceu a necessidade de perceber a génese e a dinâmica dos movimentos em oposição a FRELIMO.

Divido a complexidade do estudo remete sempre de início além de perceber a questão central, recorrer para outras complementares. Por exemplo: Quais os factores que influenciaram a emancipação do nacionalismo Moçambicano? Como se caracterizavam os principais Movimentos de Libertação de Moçambique? Quais as potências e quais as naturezas dos seus apoios e do Movimento de Libertação em Moçambique? O que impediu a agregação dos Movimentos de Libertação na Frente de Libertação de Moçambique numa única força política e militar e o que continua persistente?



Sendo o COREMO, o primeiro grupo armado formado em oposição à Frente de Libertação de Moçambique em 1965, e sobre o qual levantam-se diversas causas do antagonismo entre as quais diferenças étnicas, natureza de origem da liderança na FRELIMO, exclusão dos líderes tradicionais dos movimentos de libertação<sup>2</sup> (CIPRIANO, 2000:36). E mais tarde com passar do tempo em 1974, sucede o ressurgimento de grupos armados o MNR, nas vésperas da independência resultante da fusão do COREMO, FICO, GUMO, FRECOMO e PCN em oposição à FRELIMO. Em 1977 a RENAMO, tendo como justificação imediata, conflitos étnicos tribais, desconstrói-se.

### **Hipótese**

Esmiuçada a justificação conflitos étnicos, no tempo, permitiu a construção de que as causas da oposição configuram-se maioritariamente nas categorias económicas. Esta hipótese se fundamenta com as várias memórias e estudos. (NALYAMBIPANO, 2013:173-174), refere que os pretextos dos movimentos são transformados e reconfigurados de acordo com tempo.

A hipótese analítica do presente trabalho defende o argumento de que a génese da oposição a Frente de Libertação de Moçambique e posteriormente ao Partido FRELIMO reside categoricamente na questão étnico-económica por vezes de forma individual.

### **1.4. Revisão bibliográfica**

Para formulação da tese do presente trabalho e por estar a estudar lutas de libertação do sistema colonial e compreender os actores e sua natureza e motivações, foram consultada as seguintes literaturas básicas (HENRIKSON, 1983) por ser uns dos pioneiros na abordagem sobre os movimentos de libertação na África Austral, faz uma análise numa perspectiva de revolução e contra-revolução, estuda as motivações, acções de guerra estratégias e todo investimento militar. (WALLERTANER, 1979) contribui com o estudo sistema moderno capitalista, levanta os elementos básicos durante 200 anos e conclui que para a manutenção de hegemonia económica capitalista socorre-se ao neocolonialismo como estratégia da sua manutenção da que se perceber a resistência exercida pelos portugueses e seus parceiros para a descolonização das suas colónias. (BRAUDEL,1990) reter a teoria da multidisciplinaridades na sua abordagem científica e aplicar

---

<sup>2</sup> Entrevista do Fanuel Mathusa. AHM, MP-c853 1467 conduzida pelo Gerlad Leisegang, Joel Tembe e Simeão Jaime. 09.09.2001

o uso da pluralidade de tempo para uma metodologia comum das ciências sociais e nos propõem igualmente uma visão radiográfica que chamou de longa duração, daqui fazer o paralelismo do sistema mundo moderno de wallerstaner e a longa duração para também compreender as formas cíclicas de manifestação do capitalismo.

Finalmente combinar Abraham Harold Maslow e Emmanuel Wallerstein para o enquadramento teórico da tese. O primeiro apresenta a pirâmide das necessidades, onde pode-se entender que a necessidade de auto realização e de estima e segurança desenvolvem um sentimento (MASLOW, 1943) que se pode confundir com o nacionalismo quando se manifesta em comum dentro de um espaço ou território. Enquanto o segundo, devido a geopolítico de Moçambique seu enquadramento no “sistema moderno de mundo capitalista”.

Sendo uma análise africana foram consultadas Poulin Hountondji africanista que teve o privilégio de viver em duas realidades geográficas, Europa e África e considerou o colono como sujeito colectivo da história da colonização e o africano como complemento directo, percebeu-se também o corte umbilical que o ocidente faz da história de África ao considerar a história dos africanos. Segundo (HOUNTONDI, 2008:149) as alternativas de que os africanos devem apropriar-se da activa e lúcida experiência e conhecimentos adquiridos ao longo do tempo, propõem-nos um desafio extremamente fundamental, em que diferentes culturas possam adquirir conhecimentos sobre elas mesmas e simultaneamente de todas as outras com as quais se relacionam.

No caso de Moçambique, muitos estudos já foram feitos na perspectiva de identidade, nacionalismo, etnia e etnicidade (CHICHAVA, 2008:5) que estudou conflitos étnico-tribais e mostrou que estes exprimem uma relação diferenciada entre certos grupos sociais quando não resolvidos e aponta os casos do *Pfecane*, muito antes da fixação portuguesa, que provocou a migração Nguni em fuga ao Zulo de Chaka e se estabeleceram até ao Zambeze, formando o império de Gaza entre 1821 até 1895, neste processo foram anexados e submetidos grupos étnicos do centro incluindo alguns prazos no Zambeze aponta ainda para conflitos de carácter intestinais na zona centro entre Ndaus e Ma-Sena do grupo Shona.

FLORENCIO (2002:42-48) discutiu a conflitualidade étnica tribal entre os Ndaus e Sena, não só estavam também os Nguni em três períodos, pré-colonial, colonial e pós-colonial. Segundo o

autor, na primeira etapa, presume-se que o grupo Sena seja nativo da zona de Sofala por anterioridade e defende que os Sena já estavam estabelecidos na zona entre o litoral e o Zimbábwe do Monomotopa, mas ambos pertenceram a dinastia Rozwe, mais tarde com a penetração estrangeira para o interior a procura do Ouro, estes teriam perdido o poderio económico e gradualmente ficaram sobre domínio dos Ndaus. Foi na senda, migração Nguni, que ambos foram submetidos e lhes tiraram as mulheres, obrigando-os a pagar impostos e a venerar os espíritos Ngunis. A segunda etapa, refere o período, depois da independência com adopção de políticas do socialismo científico, que preconizava destruir toda expressão identitária nacional de cariz étnico e introduzir no estado uma nova estrutura de organização política, económica, religiosa e cultural local. Estas identidades foram consideradas um entrave à implantação do novo modelo de sociedade e portanto um perigo a eliminar como afirmou o Samora Machel *“Para nós o racismo e os seus irmãos gémeos tribalismo e o regionalismo constituem autêntico crime anti-revolucionário”*, o objectivo era criar o Homem Novo.

De 1977 até 1994 com o ressurgimento da Guerra Civil, o Grupo Ndaus maioritariamente se identificou com a liderança do primeiro líder da RENAMO André Matsangaissa mais tarde, também Afonso Dlhakama do grupo étnico Ndau reivindicavam que a governação da FRELIMO com líder de etnia Nguni significava terceiro colonialismo, isto é, os Ngunis estariam a submeter-se pela segunda vez. Estes grupos étnicos, fundamentavam que a liderança da FRELIMO era até então dos Shaganas, a semelhança do período da emigração Ngunis de Manicusse e Ngungunhana com políticas de anexação e de submissão. José I. O. Cabaço na sua tese de Mestrado faz uma abordagem sócio antropológica e foca a problemática das diversidades étnicas, regionalismo e identidade; discute o período anterior a independência; procurou compreender algumas particularidades promovidas pelo estado colonial na manipulação das identidades étnicas com incidência à génese do Nacionalismo, e considerou que esta foi uma tática de guerrilha implementada pelos povos colonizados. Sobre a zona Norte (BONATE, 2007:234-254) identifica a dinâmica da identidade nos vários momentos, período antes e depois da independência, mostra o conflito religioso Islâmico e Swaili de forma relacionada a formação da étnica identidade adquirida neste período da luta de libertação, pós-independência e na guerra de civil em Cabo Delgado comprovando assim a conflitualidade.

Ainda sobre a conflitualidade, com base a memórias de combatentes e protagonista contestou seguinte: (NCOMO, 2013:168-170) referindo entrevista ao Urias Simango, mostra a insatisfação a posição que ocupava e naturalmente os benefícios, como se pode confirmar.

*“...usando bens materiais e dos fundos doados ao Instituto para fins pessoais, sobre tudo na compra de alguns combatentes.... a diferença de salários... era três mil shellins por mês e tinha o direito a um subsidio semanal...e discórdia relativamente a alguns procedimentos na gestão da vida da organização...era tao pobre como a maioria dos combatentes...”(P.168,169,171)*

Dai a formulação de que as clivagens económicas estiveram sempre no centro do antagonismo entre os grupos de oposição à FRELIMO. Esta justificação remeteu para compreensão conceptual e epistemológica das relações históricas de etnicidade entre os grupos dentro do território moçambicano e na região, nomeadamente: os Nguni, Ndau, Sena, Shonas e Makondes que se evidenciaram nas lideranças dos diversos grupos e Movimentos de libertação contra o colonialismo português em Moçambique até ao período pós-independência. Neste prisma foram consultadas as teorias do (CHICHAVA, 2008:7) que defende que a questão conflitos étnicos tribais não resolvidos na totalidade justificam a razão da clivagem entre as lideranças ou mesmo entre os grupos que ocorre mesmo com o objectivo único, luta contra o sistema colonialista português, por isso a necessidade de dominar os conceitos, tribalismo, etnia, etnicidade e, por outro lado, mencionar que a tribo ou etnia, são elementos da nação, e são conceitos que surgem durante o período colonial, fenómenos típicos de colonização.

Quanto a colonização foi considerada como um fenómeno, onde se denotava que os povos não teriam consciência da sua semelhança, nem da origem comum, nem se quer a vontade de viver em conjunto. Defendia ainda que, a etimologia das definições acima, etnicidade ou “sentimento étnico” é um “feito de consciência” (« *fait de conscience* »), porque ela nada mais é que a consciência de pertencer a um grupo humano diferente dos outros e de reivindicar essa diferença num determinado espaço (RESENDA, 2008:2-14).

Ainda sobre colonização, associando a dimensão global e imperialista, as teorias do Wallersteinir que advogam que os conflitos entre estados da semiperiférico na concorrência pelo domínio ou estabilidade económica acontecem como conflitos políticos sociais. E para manter a burguesia olhando para enquadramento geopolítico de Moçambique no “sistema mundo capitalista

moderno” e as teses Boaventura de Sousa Santos no sua revista Epistemologias do Sul que discute diversas formas do colonialismo e do período pós-colonial, se consubstancia quando mostram como o factor colonialismo constrói uma racionalidade de inferioridade em diversos campos de poder político sócio-cultural e económico, sobre este ponto Jeoger Balandier no seu artigo Noção de Situação Colonial ao tratar desta matéria abre espaço para debate sobre colonialismo como um fenómeno político económico de povos com identidade étnica própria quando se encontram em relações de poder diferenciada, resultam em clivagem (BALANDIER, 1993:108) defende ainda que a exploração económica se apoia sobre o controle político e que manipulam algumas medidas audaciosas de mudanças de estrutura das relações sociais, comunitárias, deslocamento de populações, luta pela inserção e estabilidade, (colonialismo). Não só refere também que para perceber qualquer seja país, ou história de um país colonizado torna-se necessário o domínio do colonizador no seu local de origem.

Com este pensamento e sabendo que o estado económico de Portugal estava debilitado e conseqüentemente a procura de sustentabilidade nas colónias, obrigou a manipular várias formas para se manter no controlo das terras sobre sua administração. Dai a formulação do presente trabalho se justificar o conceito étnico-económico porque o este compreende os factores aglutinadores (territorialidade, hábitos e costumes, consciência, regras, leis etc.)

### **1.5. Enquadramento teórico**

Estes argumentos podem ser explicados pelas teorias endógenas e exógenas, ou seja das teorias das causas internas e externas. A teoria das causas internas advoga que o COREMO surgiu como uma facção que pretendia dar continuidade a questão do nacionalismo dos anos 1960, dado que reclamava a maioria dos dirigentes da FRELIMO ser de etnia Stonga e pelo facto de estes serem da zona sul, nesta mesma linha o COREMO não foi o único grupo de oposição que surgiu contra a FRELIMO neste período, pois pequenos grupos criados nos anos 50-60, ressurgiram dos conservadores como a UDENAMO Monomotapa formada por Gwambe em 1962; UDENAMO Mozambique com sede na Ilha de Mocambique, formada por Milinga e Mmole em 1962; FUNIPOMO formada em 1963 através da fusão da MANU e MANC; a COSERO fusão da UDENAME e a MANU em a 27 de julho de 1962 no Cairo, o COREMO que inicia a sua formação em 1964 através da fusão da UDENAMO-Moçambique e Monomotapa, MORECO e

MANU; PAPOMO formando se em 1966 e MOLIMO e FUMU sedeados em Nairobi que protestaram e reivindicaram contra a FRELIMO alegando o elitismo e a ideologia da composição étnica Tsonga na sua liderança (VINES, 1991:12).

A teoria da raiz externa funda-se pelo facto dos conflitos entre o Nyerere e Nkrumah onde primeiro era pró Chines e o segundo pró soviético *Bureau For African Affair*, apoiado pelo governo do Gana e Zâmbia, promover rivalidade contra Tanganica, conseqüentemente também anti-FRELIMO, como se pode justificar pelo facto da origem do COREMO ser zambiana onde criara uma espécie de tampão movida pela PIDE/DGS para contrariar o desenvolvimento da Luta da FRELMO, (VIERA, 2011:199). A PIDE/DGS teve a colaboração do Jorge Jardim que era amigo pessoal dos presidentes da Rodésia do Sul e de Malawi daqui que mais tarde, pôs independência levantaram-se como causas da oposição a opção comunista a ser seguida após a independência que constituiria ameaça aos grupos minoritários brancos na África Austral (GOMES & AFONSO, 2013).

Dai se recorrer a teoria Maslow complementadas pela teoria do Sistema Moderno Capitalista do Wallerstein para justificar as manobras de manutenção da hegemonia da Europa capitalista, que vão orientar a discussão desta tese.

A teoria social de Maslow, chamada de teoria de satisfação das necessidades básicas, demonstrada pela pirâmide das necessidades que defende como primeiro a realização das necessidades básica do Homem tais como: o bem-estar físico e espiritual, liberdades individuais e alimentação. Contudo, dificilmente são colectivizadas as realizações e se compadecem ou se ajustam com a necessidade nacional e o nacionalismo, defende (JESUS, 2013:24), deste modo ter havido clivagens individuais nos pontos vista de interesses; lutas pelo poder e pelas lideranças ora de defesa de interesses pessoais, ora das comunidades. Estas fragilidades se verificaram principalmente logo nos primeiros anos 60 a 70, talvez pela influência do colonialismo ou pela falta de conhecimento, importa referir que na fase embrionária da formação dos movimentos os fundos financeiros, expensas eram alocados em contas individuais ou mesmo entregues em mão.

Do mesmo modo nos períodos subsequentes durante a luta de libertação, também se notabilizou a tendência de libertar determinadas regiões, talvez pela fadiga da guerra, influência do sistema colonial ou ainda motivado pela infiltração da PIDE/DGS e de todo interesse imperialista. Este

fenómeno foi notável já nos anos 74 e 94 quando encontramos os mesmos actores na oposição a FRELIMO já de forma institucional.

Para conhecer quaisquer que sejam as características de um país colonizado é fundamental conhecer o colonizador e suas relações (BALANDIER, 1993-107) e dizia (WALLERSTEIN,1979) que o quadro económico de Portugal era dependente das colónias e localmente substituída com uma indústria agro elementar o que se pode resumir em um país pobre.

*“...O que o colonialismo português tem de diferença é essencialmente o facto de ter sido exercido por um Estado sem os recursos políticos, económicos, financeiro e militar dos seus pares. Pode se dizer que o diferente é o facto de ter sido um colonialismo exercido por um estado semiperiférico, isto é Por um país que tende « a produzir produtos manufacturados para mercado interno...mas também exportador de produtos primários. Desempenhando o papel de parceiro periférico face aos países centrais e de parceiro central face a alguns países periféricos»” (P:247).*

Segundo Aquino de Bragança<sup>3</sup> e Immanuel Wallerstein (1978:33) o nacionalismo é a tomada de consciência de indivíduos com conhecimento ou não de um espaço, território “nação” cujo desejo é desenvolver forças para alterar o estado inadequado em prol da comunidade. Este argumento se associa que o nacionalismo seja um fenómeno, associado historicamente às lutas de libertação dos povos e coincidentemente esses povos encontravam-se distribuídos em territórios por onde se identificavam pela sua história comum, língua, antepassado e no caso da Europa os traços de poder, burguesia, raça e a de sanguinidade eram as mais evidentes (LEITE 1983: 21-22). Assim, podemos encontrar dois ou mais tipos de Nacionalismo, o europeu e o africano. O europeu difere-se do africano pelo facto de o primeiro ser construído pela burguesia com objectivo de salvaguardar os seus interesses, enquanto, o africano assenta-se pelo facto de autodeterminação, liberdade e independência. Porém qualquer um deles é “cimento ideológico para a formação das nações independente e transformação de sujeitos”

CAHEN (2012:97-110) na sua abordagem sobre o Nacionalismo, trouxe um novo paradigma conceptual sobre a luta de emancipação anti-colonial ou de Movimento de Libertação Nacional. Cahen questiona o nacionalismo a partir do conceito nação, defende que nem sempre

---

<sup>3</sup> Aquino de Bragança Foi um jornalista, militante da FRELIMO e conselheiro do Presidente Samora Machel e morreu no acidente de Mbuzeine.

corresponde a um determinado território, país ou Estado. Esta ideia nos elucida ao Nacionalismo de tantos moçambicanos que não tinham a noção da territorialidade, enquanto (TEMBE 2014:7-40) aponta a génese dos movimentos nacionalistas como a causa que se manifestou sobre forma de poder administrativo e político.

Daqui pode-se colocar a seguinte pergunta, será que os líderes dos movimentos de libertação eram de facto nacionalistas? Sem querer discutir esta questão, vai servir de orientação para discutir a identidade étnica que varia segundo os factores económicos, religiosos e culturais de territorialidade. Olga Iglésias, Tor Sellström, levantou a questões adversas de cômputo financeiro, referiu a disputa pelo apoio da Suécia aos Movimentos de Libertação anti-colonial em Moçambique os casos da FRELIMO e do COREMO, (SELLSTROM, 2008:100-105). Fontes que retratam o mesmo podem ser encontradas nos relatórios da PIDE/DGS que referiram os encontros entre o José Gumane com os países nórdicos. No caso da Alemanha, o presidente do COREMO se insurgiu reivindicado ao facto de o estado alemão drenar mais valores a FRELIMO e não ao seu movimento, o que abre espaço para a confirmação de interesses económicos aos apoios e financiamento internacional de forma directa e indirecta dos movimentos de libertação como foram os casos da China, Rússia, Roménia, EUA, OUA, ONU, Argélia, Gana, Tanzânia, Zâmbia, Malawi e Suazilândia e outros.

Quanto a etnia e etnicidade o conceito étnico foi já discutido, mostra que é dinâmico, aberto e genérico pesa embora nos remete a várias categorias e se tem adequado aos diversos sentidos de acordo com seu ponto de análise, neste ponto de vista (LUVIZOTTO, 2009:9) argumentou que o sistema de categorização da etnias fundamenta-se numa origem suposta, e recorre a Hall<sup>4</sup> (SALES, 2012:2) discutiu historicamente o conceito e mostrou as dinâmicas conceptuais e teórica para provar o que foi referido pelos antropólogos, (BALANDIER, 1993) e citando Malinoske, argumentou que para conhecer e caracterizar um povo é necessário o domínio de todos actores envolvidos no espaço, tempo e ambiente.

*“...Até os anos 60, de modo geral, a antropologia adotava uma visão tradicional primordialíssima ou essencialista na qual a etnia seria um fator precedente ao*

---

<sup>4</sup> Hall (1999, p.49-50), concebe a identidade como um conjunto de representações, construído em situações específicas, um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”.



*sujeito, seria praticamente uma herança biológica, uma essência, composta por um conjunto de características culturais objetivas, ou seja, por uma cultura unificada, coerente, dada ou recebida no nascimento do indivíduo. Essa estrutura cultural hereditária somente se formaria no isolamento do grupo, tenderia à conservação (permanência) de seus traços identitários e determinaria o comportamento dos sujeitos nascidos no grupo...” (ibid.98)*

Sobre a noção étnica, os estudos avançaram, considerando que historicamente o conceito foi concebido num contexto de colonização, pelos antropólogos coloniais até a altura, e que agrupavam certas categorias como raça, cor, grupo sanguíneo, história, territorialidade, cultura, proveniência, clã entre outros fenómenos não compreendidos, propositadamente, por desleixo ou ainda por ignorância dos europeus, e referir que o conceito foi já bastante discutido. (SALES, 2012:98) defende que as ciências sociais foram fundamentadas a partir de bases epistemológicas culturais europeias e que os estudos tenderam a ignorar realidades culturais diferentes, que se afastassem dos seus modelos originais tratando-as como apêndices da verdadeira matéria de estudo percebida, até então, sempre com uma visão eurocêntrica. Dai, o conceito étnico ser de cunho generalizado, onde por um lado, limita a possibilidade de respostas, concretas, o que remete ainda para uma análise conceptual sobre as quais se fundem os factores, por outro lado, actualmente contribuem para o desconhecimento, propositado ou não, das causas da existência crescente do antagonismo entre os movimentos em oposição ao partido do *governos-dia*. Esta “situações-problema” desperta questionamentos aos cientistas sociais de Moçambique e de África, talvez nem tanto aos políticos e politólogos, mais habituados a lidar com estas matérias, mas para os historiadores, sociólogos e antropólogos são factos que merecem questionamento. FLORÊNCIO (2002:45-47) ao estudar grupos étnicos de Moçambique na época, também defendeu que o conceito étnico teria sido formulado pelo colonialismo, para poder catalogar as diferentes unidades políticas africanas desvalorizando e reduzindo as territorialmente como forma de as controlar atribuindo-lhes a categoria de etnia. Citando Jean-Loup Amselle, referiu que a classificação consubstanciou-se de três modos: a) a criação *ex nihilo* de etnias; b) a transposição de etnónimos usados na época pré-colonial para contextos sociopolíticos novos; c) a transformação de unidades políticas pré-coloniais em etnias. Da que recorrer a etnologia dos conceitos.

segundo (PINHEIRO, 1945) dicionário a palavra “étnico”, Etnologicamente, deriva do Grego latim *ethunicus* o pagão adjetivo etno+iço pertencente a uma raça ou nação, relativo a uma comunidade de traços físicos, mentais, membros, etc. Grupo com a mesma tradição, linguística comum, também pode-se designar grupo originário de mesmo país, território e a “economia” deriva da junção dos termos gregos “*oikos*” (casa) e “*nomos*” (costume, lei) resultando em “regras ou administração da casa, do lar”.

BALANDIER (1993:108-110) advoga que a questão económica se apoia sobre o controle político e faz um paralelismo com a situação colonial assente nas razões económicas justificadas com políticas de expansionismo mercantilista e do imperialismo e consequentemente do nacionalismo dos povos colonizados.

Operacionalizando os conceitos para o presente trabalho étnico consiste na caracterização dos traços comuns identitários de indivíduos elementos de grupos, e portanto esses traços podem ser agrupados em socioculturais, políticos e económicos. Os socioculturais vão abarcar os hábitos sincréticos, ritos, língua entre outros, as políticas abarcam as normas, poder judicial e carismático entre grupos e as económicas tem a ver com territorialidade, posse, propriedade, sentido de pertença e capacidade de se estabelecer com a natureza ou ambiente e etnicidade seria pois, a expressão da identidade étnica, entre grupos diferentes.

### **1.6. Metodologia**

Baseado na revisão bibliográfica sobre esta temática lutas de libertação, foi recolhido e confrontados documento maioritariamente expurgados dos Arquivos do COREMO, na sua maior parte no estrangeiro sobre forma digital, foram usadas as técnicas de entrevista, não obstante as fontes orais pouco abertas. Foi aplicado o método de reflexibilidade, procurou-se de forma comparativo confrontar as diversas versões dos acontecimentos retratados nas memórias, relatórios telegramas, documentos militares e da policia, artigos, revistas, jornais digitais e todos os registos de informação decorrente do período em causa, aliado a recolha de entrevistas publicadas em áudio visual nos Arquivos estrangeiro como a Torre de Tombo, a Fundação Mário Soares, Fundação Amílcar Cabral, Aluka e o Arquivo Histórico de Moçambique do CEA da UEM. Após a recolha dos dados, foram sistematizados.

E para enquadrar o argumento, a pesquisa partiu de uma análise geral para o particular. Faz uma análise da política económica do sistema mundo moderno, analisa também as mudanças e levanta os problemas socioculturais, político militares não resolvidos ou parcialmente resolvidos para no fim avançar com o argumento conflito étnico económico.

### **1.7. Limitações de Estudo**

Para a concretização dos argumentos levantados, não faltaram dificuldades, por tratar se história contemporânea. Por exemplo: (a) Tentativas frustradas de auscultar os verdadeiros indivíduos que viveram estes acontecimentos, para fins de entrevistas abertas, não foi possível, também abordar testemunhos pois os mesmos reservam-se a comentar sobre o assunto com justificação de temer represálias políticas não só, o sistema político adoptado após a independência virada ao comunismo, muito recente, contribuiu até certo ponto para desviar as fontes; (c) No uso das memórias, estas tendem a mostrar a subjectividade ao descrever a história dos acontecimentos, por vezes demonstrando exageradamente o protagonismo devido a tendência reivindicativa; (d) as fontes recorridas são na sua maior parte de interlocutores se partirmos do princípio que a Polícia da PIDE/DGS esteve infiltrada entre os movimento e os governos dos países limítrofes de Moçambique.

### **1.8. Estrutura do Trabalho**

O estudo está estruturado em quadro capítulos e o primeiro cingiu-se na contextualização do pesquisa, procura inicialmente olhar para o quadro físico de Moçambique, estagio internacional que proporcionaram as colonizações com enfoque a Portugal estendo-se para uma abordagem mundial da descolonização e dos nacionalismo.

O segundo capitula dedicou-se na identificação da génese dos movimentos de libertação em Moçambique olhando para os objectivos e motivações dos mesmos, a tentativa da Unidade e o despoletar do antagonismo.

O terceiro capítulo trata do objecto de Estudo o COREMO, faz uma radiografia da estrutura organizacional suas áreas de acção apoios e solidariedade e finalmente a sua degeneração versos hibernação bem como a sua relação com a RENAMO. A análise procura confrontar os

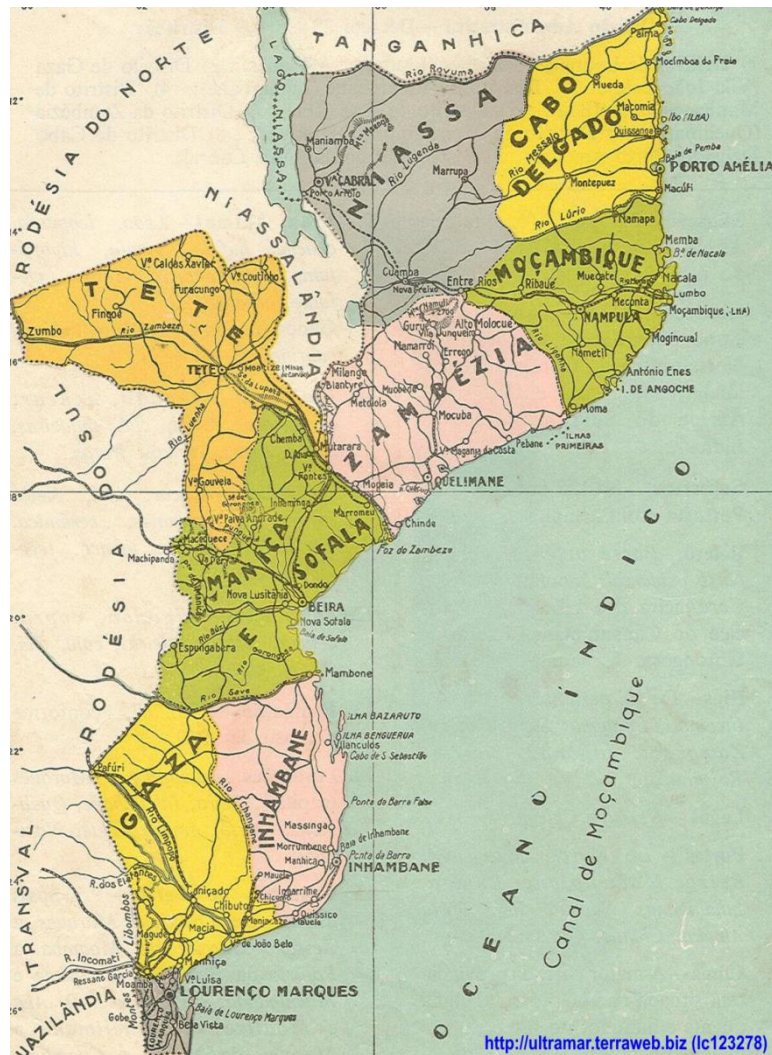
depoimentos de uns dos fundadores com a documentação do Comité, várias memórias de combatentes que fizeram parte do grupo e os relatórios da PIDE/DGS para formulação da tese.

Finalmente o ultimo capitulo relaciona os ideias, a ideologia, o objectivo acção, os apoios nacional e internacional, não só, observa as lideranças do movimento armado de oposição para fundamentar e construir a tese que a génese da oposição esta no factor étnico económico.

## 2. CAPITULO I

### 2.1. CONTEXTUALIZAÇÃO

#### 2.1.1. Quadro Físico de Moçambique



Fonte: Google

Moçambique encontra-se localizado na África Austral, no hemisfério sul, precisamente na costa oriental do continente africano. O país tem uma superfície total de cerca de 799.380 km<sup>2</sup> e está definido entre os paralelos 10° 27' e 26° 52' de latitude sul e os meridianos 30° 12' e 40° 51' de longitude Este, a sul do Equador.

O território Moçambicano tem uma extensão de costa com cerca de 24.701 quilómetros, banhado pelo Oceano Índico, desde a foz do rio Rovuma a Norte e a Ponta de Ouro a Sul. Moçambique tem como limites, a norte, a República Unida da Tanzânia (antiga Tanganica), consistindo numa faixa que vai desde a foz do rio Rovuma até ao rio Messinge, prolongando-se até ao lago Niassa. A noroeste, faz fronteira com o Malawi e a Zâmbia (antiga Rodésia do Norte), a sul e a sueste é limitado pela África do Sul (província do Transval), oeste, pela Suazilândia (província do Natal) e Zimbabwe (antiga Rodésia do Sul). Após o estabelecimento dos limites, o território ficou dividido em onze províncias distintas (antigos distritos coloniais, actualmente províncias), a considerar (de norte a sul), Cabo Delgado, Niassa, Nampula, Tete, Zambézia, Manica, Sofala, Inhambane, Gaza, Maputo Província e Maputo Cidade. Devido a sua configuração física, o canal de Moçambique, zona dos ventos alísios proporcionou as primeiras navegações da Ásia para África pelos chineses, banuanes e árabes seguidas pelos portugueses, holandeses, e ingleses, vindos da península ibérica a procura das especiarias, ouro do monomotapa, marfim e escravos.

Entretanto, segundo (CHICHAVA, 2008:1-14) dentro deste território, pode-se identificar vários grupos étnicos heterogéneos, como:

- Swaáli no litoral Norte, do rio Rovuma até ao conselho de Moma;
- Marave do Norte do Zambeze na Província de Tete, Lago Niassa e também na Província da Zambézia na região de Milange-Tacuane;
- Macua-Lomué entre o rio Lugenda e a linha Morrubala-Quelimane; em geral os Macuas estendem-se desde Cabo Delgado até Angoche, desde o mar até às nascentes do Lugenda, ao longo do Lúrio; matambu, ao sul do Rovuma;
- Chona entre o Rio Save e Zambeze, nas Províncias de Manica e Sofala;
- Chope, na área de Inhambane;
- Tonga a maioria da população a Sul do Save, com pequenas ilhas em Manica, Sofala e Tete;
- Angoni resultantes das diversas migrações e expedições Zulu que ocupam a parte sul do Limpopo e alguns dispersos em pequenos grupos nas províncias de Tete, Niassa e Cabo Delgado;

- Maconde na Província de Cabo Delgado, margens do Rovuma, planalto Maconde (Mueda e Macomia).
- Ajaua Niassa, Lugenda e o Rovuma, montanhas do Chire.

A formação desta diversidade étnica deveu-se a vários encontros entre grupos vindo do interior de África e outros da diáspora. Estes encontros por vezes resultavam lutas, submissão e domínio. Como foi dito, Moçambique muito antes da colonização, sofreu influências dos impérios ou estados tradicionais antigos que os seus feitos subsistem nas relações de laços familiares, tribais, clãs e acabam influenciando as relações políticas de uma forma intricadamente ligada ao colonialismo.

Em 25 de Junho de 1975, Moçambique conquista a independência, sendo a FRELIMO<sup>5</sup> liderada pelo Presidente Samora Moisés Machel a única força reconhecida na Luta contra os portugueses. A FRELIMO formou um governo de transição depois dos acordos de cessar-fogo na Zâmbia, em Lusaka em 7 Setembro de 1974, que conduziu o país até a independência, adoptou um sistema comunista e proclamou uma República Popular representada pelo monopartidarismo com gestão planificada e centralizada.

Em 1977, durante o III Congresso, realizado em Maputo, de 3 a 8 de Fevereiro, a FRELIMO transforma-se em partido político e adopta o sistema marxismo-leninismo, que assenta sobre a linha socialista e dirige o povo, abraçando políticas de acesso a oportunidade, aplica a lei das nacionalizações nos sistemas de produção, educação e saúde para todos.

O país conheceu uma Guerra Civil desde 1977, que durou 16 anos, tendo terminado com o acordo de cessar-fogo em Roma em 4 de Outubro de 1992.

O acordo preconizou de entre vários pontos questões políticas e económicas como base de entendimento.

Em 1994, entra em vigor uma nova constituição, introduzindo o multipartidarismo a prever descentralização e desconcentração política deixando para o segundo plano a questão económica.

---

<sup>5</sup> Neste período o Partido FRELIMO se confunde com o Estado dia.

## **2.2. Portugal**

Portugal é um país europeu até então pobre e tinha como objectivos dentro do quadro mercantilista expandir o cristianismo. Mais tarde por volta dos fins do sec. XIX estabeleceu se Moçambique adoptando o sistema colonialismo como forma de domínio, pilhagem para garantir a sua própria sustentabilidade estabeleceu províncias coloniais como território de Portugal. Com a conferência de Berlim depois das duas Guerras Mundiais, incrementou-se no mundo a disputa pelas colónias portuguesas incluindo Moçambique que pela sua localização geopolítica constitui interesse dos blocos leste e do ocidente.

## **2.3. Génesis do Nacionalismo**

Antes das Guerras Mundiais, África era constituída de constelações, impérios e reinos como caso do reino do Zimbabwe em Moçambique, com falantes da língua Shona na zona de Manica e Tete. O Estado de Zimbabwe abrangia as actuais províncias de Manica, Tete até Vilankulos na província de Inhambane.

Já nos finais do Sec. XIX, os estados esgotados pela luta de sobrevivência os seus líderes incentivados pelo sistema colonialista, se reestruturaram se para subverter as condições vividas nas colónias onde o substrato social era patente, tudo para privilegiar o poder económico.

Assim os líderes africanos foram chamados a consciência de libertação, independência e outros direitos fundamentais que não caberiam a um grupo, família mas sim ao todo cômputo territorial ou mesmo continental. A essa consciência foi chamada de Nacionalismo.

MONTENEGRO (1967:33-157) refere que o Nacionalismo africano imerge com o Pan-africanista apesar de apresentar uma pluralidade de manifestações, sócio cultural, não deixou de revestir de uma certa unicidade, no que toca à sua visão e pensamento libertador do jugo colonial. Porém neste processo nem todos trilham o mesmo pensamento, entre eles, encontrava-se um demagogo como o Marcus Garvey que era o expoente máximo das ideias antagónicas. Importa referir aqui, que o desenvolvimento do Pan-Africanismo de Du Bois, considerado o pai do Pan-Africanismo político, que queria enquadrar a opção política dos Estados pós-coloniais. Esta construção provavelmente tenha nascido da escola frequentada em Harvard, onde foi Professor de Sociologia da Universidade de Atlanta, era académico,



amadurecido na sua forma de pensar, seguro nas intenções, ele defendia uma igualdade racial, autodeterminação nacional, liberdade individual e era por um socialismo democrático. Fazia parte de um movimento estruturado, consciente das suas oportunidades e da necessidade de manter a África para os africanos, opondo-se à utopia de repatriar dos EUA os negros ou de os acantonar em alguma região, repudiava a segregação racial, batia-se pela igualdade e promoção dos africanos até à condução dos seus próprios destinos políticos.

Em Abril de 1955, realizou-se na Indonésia, na cidade de Bandung o primeiro evento de política internacional, dirigida pela China que juntou o então denominado Terceiro Mundo. Tratou-se de um acontecimento histórico que discutiu aspectos relacionados com os Estados asiáticos e a unidade política das novas soberanias. Foi em Bandung onde pela primeira vez foi expressa a solidariedade política com África no processo de obtenção de libertação e depois reconfirmado na Conferência do Cairo, realizada entre 26 de Dezembro de 1957 a 1 de Janeiro de 1958, e foi onde se reforçou a essência de que as lideranças dos grupos, e os representantes dos povos colonizados deveriam coordenar com o Pan-Africanismo, introduzido por Henry Silvester Williams para a necessidade de articular em bloco da ONU para lutar pela soberania dos países colonizado (SANTOS, 1953:1-7).

O Pan-Africanismo surgiu na sequência da adopção de uma Carta dos Direitos Humanos destinada aos Africanos e baseando-se na igualdade entre raças. Assim, ajudado por Blaise Diagne<sup>6</sup>, Dr. Du Bois<sup>7</sup> organizou em 19 e 20 de Fevereiro de 1919 o primeiro Congresso Pan-Africano para a Protecção dos Indígenas da África e dos Povos de Origem Africana. De entre as conturbações, esta reunião, resultou na elaboração de uma petição dirigida às potências aliadas visando colocar sob controlo internacional, em regime de mandato, o Togo, os Camarões, o Sudoeste Africano e o Tanganica (GOMES. 2010:17). Foi assim que passados sucessivos Congressos Pan-Africanistas com aderência dos trabalhistas, foi elaborada a Declaração ao Mundo sob o manifesto de igualdade e cooperação de todas as raças na luta pela justiça e solidariedade.

---

<sup>6</sup> Blaise Diagne (13.08.1872 a 11.05. 1934) foi um líder político francês e prefeito de Dakar, também o primeiro negro Africano eleito para a Câmara dos Deputados francesa, o primeiro a ter uma posição no Governo Francês

<sup>7</sup> William Edward Burghardt "W. E. B." Du Bois – 23.02.1868 a 27.08. 1963 foi um americano sociólogo, historiador, ativista dos direitos civis, Pan-africanista, autor e editor. Nascido em Great Barrington, Massachusetts, Du Bois cresceu numa comunidade relativamente tolerante e integrada. Depois de se formar em Harvard, onde foi o primeiro americano Africano para ganhar um doutorado, ficou professor de história, sociologia e economia na universidade de Atlanta foi também um dos co-fundadores da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP) em 1909

Foi no VI Congresso em 1953, onde aconteceu a criação da Unidade da África Ocidental que incrementou maior expressão a África Austral. Concluindo, durante o percurso dos Congressos, nem todos elementos Pan-Africanistas olhavam para a África em geral. O sentimento de liberdade manifestou-se segundo um determinado prisma. É de salientar que durante este período, os países de expressão portuguesa—não se faziam sentir na luta contra a autodeterminação.

#### **2.4. O Nacionalismo e os Movimentos de Libertação em Moçambique**

De entre impérios e estados existentes em Moçambique constituídos por três grandes forças, Ngungunhana no sul, Makombe no centro e Mataka no norte. O maior Estado em Moçambique foi o de Gaza que teve o seu fim com a prisão do Ngungunhana em 1896, deportado para Portugal, e assim se impôs o poder fascista português (GERHARD, 1996:8-78).

A semelhança de outras colónias, na segunda metade do Séc. XX, a emergência do Nacionalismo Moçambicano ficou intricadamente ligada ao africano, que tomaram características próprias de unidades políticas e caracterizaram de espírito de luta na clandestinidade em diversos sectores da sociedade, tais como nos sistemas de educação, cultura, unidades orgânicas, fábricas, políticas, entre outras. O Nacionalismo africano ganhou expressão histórica na década 60, com a libertação de alguns estados como o Gana, Tanzânia, Argélia e Egipto.

Segundo as estatísticas, na década 60 a população moçambicana estava dividida em grupos de africanos, europeus, místicos e afro-asiáticos, sendo os africanos o maior número com cerca de 76% com índice de analfabetismo de 99,8%, a viver basicamente de agricultura nas zonas da Zambézia, Limpopo e outras partes distribuídas nas zonas suburbanas sustentando a indústria, o comércio e serviços domésticos num sistema de trabalho de mão-de-obra barata ou com salários baixos. Boletim de informação (FRELIMO, 1964:15)

Nesta óptica o Boletim de informação (FRELIMO, 1964:12) numa análise político-administrativa apontou a situação económica como base do pragmatismo na exploração quer do território quer do Homem em Moçambique. Daí justificam-se quase todas as formas de exploração política administrativa.

Assim sendo, uma das saídas mais próximas ou de imediato, foi recorrer aos países mais próximos como a Tanganyika, Zanzibar, Rodésia do Sul e Norte, Malawi e África de Sul, mais tarde a África Ocidental, Europa, América e Ásia.

Neste mesmo documento, pode se entender que Portugal, ao fomentar a migração para os trabalhos nas minas de Joanesburgo em trocas dos benefícios de cerca de 47.5% no período entre 1936 e 40 e 50 contribuiu para o contacto e partilha de ideias nacionalistas.

Durante esse processo, o Pan-africanismo deu resposta aos núcleos emergentes com acção como os casos do Associativismo dos Assimilados, negros e mestiços por volta da década 30, que formaram o Instituto Negrófilo de Lourenço Marquês em 1932, em resposta ao Nacionalismo Económico do regime de Salazar.

Mais tarde, um pouco por todo Moçambique como os casos de associados movimentos juvenis que incluía organizações como ex-instituto Negrófilo O Núcleos dos Estudantes Secundários Moçambique fundado em 1949 pelo Eduardo Chivambo Mondlane e os Movimentos dos Jovens Democráticos de Moçambique, paralelamente a estes trabalhadores, estivadores dos caminhos-de-ferro de Moçambique através das greves em 1956 e camponeses das plantações de açúcar, os tumultos em Mueda em 1960, imprimiam actos de resistência a exploração colonial.

Passados longos anos de colonização, gradualmente nacionalismo em resultado da resistência secular a colonização portuguesa, se manifestou numa consciência económica, política, religiosa e sociocultural ao nível interno por um lado, e por outro, obrigou o deslocamento de um certo grupo de homens, no contexto do trabalho migratório, para terras transfronteiriças e onde juntaram-se aos sindicatos e outros grupos afins para juntos perceber a forma de combater o sistema brutal colonial (TEMBE, 2014:9-34).

Foi neste contexto que em Moçambique, por volta do período entre 1920 a 1960 surgiram diversos movimentos culturais, religiosos, sindicatos, e até mesmo associações. Os que até então tiveram maior expressão a níveis internacionais foram os grupos de origem urbana e periurbano, como por exemplo o Grémio Negrófilo Africano fundado por Nhewana, Benfica, João Albasine, José Albasine, Joaquim Dourado e outros e que se denominou de nacionalismo de carácter político, como o Ricardo Rangel, Noémia de Sousa, José Craveirinha, João Mendes, Joel Romeu

Monteiro dos Santos (conhecido por Maduna Xinana) porque estes, primeiro combateram o racismo sobretudo a questão de passe e humilhação.

Segundo (SILVA, JOSÉ, 1985:1) numa entrevista ao Abenel Sansão Mutemba defendeu que mais tarde, surge um antagonismo jornalístico em 1930, e forma-se o Instituto Negrófilo que agrupava negros africanos e mestiços assimilados, com o objectivo de defender os interesses de todos negros, mas o poder colonial rejeitou estatutariamente por causa dos objectivos, assim, seguiu-se a criação do Centro Associativo dos Negros de Moçambique, nesta divergência uma parte criou a União Lusitana dos Negros da colónia de Moçambique em 1933 que também desapareceu e o Centro Associativo dos Negros que por sua vez, passa a Associação Africana que também desenvolveu-se com mais coesão com a troca de experiências socioculturais até que, em Outubro de 1949 nasce o Núcleo dos Estudantes Secundários Africanos de Moçambique que combate ao racismo e luta pela igualdade formando-se por sua vez o Núcleo de Estudantes de Moçambique em 1961<sup>8</sup> com o Jornal Brado Africano (ALEXANDRE, 1974:12).

O Nacionalismo não foi só de um grupo de letrados, houve vários grupos entre os quais o de 75 indivíduos, constituídos por 56 homens, 14 mulheres e 5 crianças com o objectivo de chegar a Dar-el-salaam, mas foram presos ainda na Suazilândia, referido por, José Covane, (CABRITA, 2010:38).

Outros tantos estavam aprisionados pela PIDE/DGS, na cadeia Central da Machava, Sommersheld actual Cadeia Civil, Xefinas, Mabalane os casos do Malangatana Valente Nguenha, Matias Mboa, Aurélio Bucuana, David Chambal, Pastor Manganhela e outros anónimos.

A semelhança do sul, na zona centro precisamente na Beira em 1940, o reverendo Kamba Simango, metodista, licenciado e Doutorado nos Estados Unidos, funda o Grémio Negrófilo de Manica e Sofala para concretizar os grupos dispersos (VIEIRA, 2011:187).

Com a criação do Grémio Negrófilo no centro, as manifestações dispersam se gradualmente tomando a direcção certa no período entre 1950 a 60, e com influências do exterior, precisamente

---

<sup>8</sup> (s.d.), "Moçambique - organizações proto-nacionalistas", CasaComum.org, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_84516](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84516) (2015-4-16)

da Ásia da Conferência de Bandung juntam-se os africanos de Moçambique ao mundo colonizado.

No centro do país (Sofala, Manica e Tete) também se alastrou movimento nacionalista, tendo se criado o Centro Associativo dos Negros que juntou-se aos Movimentos Associativos, Núcleos Negrófilos, Associação Africana de Lourenço Marquês e o de Quelimane. As igrejas e clubes agiam clandestinamente apoiando as formas de manifestação cultural artísticas em danças, esculturas, literatura até greves contra os sistemas colonial.

De 1933 a 1957 o associativismo dos estudantes secundários foi crescendo e desenvolvendo-se por todo Moçambique, catapultando os centros de resistência colonial já existentes. Particularmente em Tete pode-se destacar José Baltazar da Costa Chacanga, enfermeiro<sup>9</sup>, que se evidenciou criando em Moatise a Associação Nacional Africana nos anos 50, o que culminou com a criação da UNAMI, para além deste um outro nacionalista Jack Ntundumula por volta de 1961 criou a Globe National Society of Tete que aderiu a UNAMI<sup>10</sup>.

Na zona Norte, Piter Edward Nthawira Balanjane, (CABRITA, 2010:55-59) cedo abandonou Niassalândia e emigrou para a Rodésia, tendo ingressado na Polícia rodesiana como forma de sobrevivência e viria mais tarde, juntar moçambicanos exilados para formar grupos políticos.

Balanjane foi considerado um homem habilitado, embora não falasse correctamente o português, expressava-se e escrevia bem em inglês, tinha um poder de síntese e conhecimentos dos grupos e partidos políticos do Gana, como o Convention Peoples Party de Nkumah e Congress Party de Banda do Malawi, assim como do United Indempence Party de Kaunda na Rodésia do Norte e da Tanganhyka African National Union de Nyerere (Ibid.).

Segundo DAVA (2010:15) a zona norte de Moçambique, contrariamente a outras zonas urbanas do sul e centro, a densidade populacional do norte era baixa, com a taxa de analfabetismo verificável, provavelmente devido as influências árabe swahil agravado pela colonização e isso concorreu para que a influência nacionalista resulta se de um grupo de camponeses que praticava a cultura de algodão por volta de 1957, a Sociedade Algodoeiro Africana Voluntária de

---

<sup>9</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012oo>- Sobre a prisão de dirigentes do MANC e a sua importância real .1963 p3

<sup>10</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012z> Aparecimento do MANC Format extent.1963.p3

Moçambique. Contudo, a potencialidade nacionalista galvanizou se nos países vizinhos Gana e Dar-el-salam devido ao apoio do UNIP de Kennet Kaunda e do MCP de Kamuzu Banda que, amadureceram a consciência política. Outra foi a afluência dos grupos homogêneos do centro e sul que se juntaram a uma boa parte de moçambicanos migrados da Tanganyika e que já tinham participado na luta de libertação daqueles países, e isso elevou ainda mais a consciência nacionalista.

### **3. CAPÍTULO II**

#### **3.1. GÊNESE DOS MOVIMENTOS DE LIBERTAÇÃO DE MOÇAMBIQUE**

##### **3.1.1. Introdução**

Neste capítulo procedemos a identificação dos movimentos de nacionalistas consolidados em Movimentos de libertação, partidos políticos com objectivo de liberdade e Independente em Moçambique a semelhança de muitos países de África Austral.

Este período longo e conturbado foi caracterizado por resistências a exploração estrangeira, com lutas contra a implantação de uma administração estrangeira, que por sua vez desperta uma outra época de repúdio e o nascimento do nacionalismo socioeconómico e político.

Entre 1955 a 1962 verificaram-se divergências no contexto de libertação, independência e descolonização. Por sua vez estas convicções proporcionaram novas ideologias políticas, religiosas em torno do objectivo comum, libertação da terra e do homem do jugo colonial.

Foi nesta vertente que o nacionalismo ganhou um significado histórico na libertação do território e do homem, deixando para trás a discussão vários factores com objectivo da fusão e Unidade Nacional.

A Frente de libertação de Moçambique é resultou da fusão dos três movimentos nacionalistas a MANU, UDENAMO, UNAMI.

### 3.2. MANU – Mozambique African National Union

Nasceu entre os grupos nacionalistas do meiado da década 50, em 1956 e foi constituído entre 1960 a 1961, por três grupos, nomeadamente Maconde African Association (MAA) de Dar-es-salaam liderado por Mateus Mmole, MMA de Zanzibar e de MAA de Mombaça do Samuly Diankali que se coligaram em Janeiro de 1961. Estes grupos eram constituídos maioritariamente pela etnia Maconde, e dedicavam-se a prática da agricultura e da cultura de algodão e sisal que se encontravam-se exilados na Tanganhica onde foram gradualmente influenciados e impulsionados por elementos da Tanganica African National Union, TANU, anti-portugueses partido liderado por Julius Kambarage Nyerere que detinha uma larga experiência de luta contra o regime colonial britânico.<sup>11</sup>

Há narrativas, meramente divergentes na precisão da data e local da formação da MANU, como as que referem que a MANU teve a sua origem de indivíduos da etnia Maconde provenientes da zona da margem sul do Rovuma, constituída por sociedades camponesas e emigrantes das zonas rurais junto da sociedade Maconde, Macuana, Yao e outros já exilados no Kenya, Gana e Tanganica. Devido as suas fracas capacidades políticas, foram influenciados pelos partidos existentes até a formação de um partido em Mombassa Kenya em 1960. Segundo (TEMBE, 2013: 262-263) existem duas narrativas contrárias, no que se refere a formação do MANU em Dar-es-salaan porem ambas coincidem na história do grupo e liderança.

O Movimento tinha Mateus Mmole como presidente e tinha como Secretário-geral, Lourenço Malinga Milinga. Com o tempo, o movimento absorveu outros vários grupos tais como os Makonde-Makuwa Society, mais uma outra Associação dos Africanos de Moçambique liderados por Simon Nshusha (TEMBE, NAPOLEÃO 2011:36).

Nesta relação, a MANU chegou a funcionar no escritório da TANU por onde organizou manifestações em Mueda, liderados por Tiago Muller, Faustino Vanomba e o Kibiriti Diwane, contra o administrador local que em consequência trouxe o desastroso Massacre de Mueda, em 16 de Junho de 1960.

---

<sup>11</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm> (Movimento de Emancipação de Moçambique/2: elementos de referência)

Devido a fraca organização política e dos quais não eram afins, os cerca de 30.000 Macondes não conseguiam organizar se em partido, então a TANU indicou para liderança dois elementos Macondes de origem tanzaniana para liderar os Macondes de Moçambique como eram chamados, segundo Marcelino dos Santos *a MANU não só era de elementos da etnia Maconde*, simpósio 50 anos da FRELIMO.

Já no período de 1963, se faziam sentir pequenos conflitos, formando se agrupamentos liderados pela TANU e a KANU Kenya African National Union que se disputavam alegando a possibilidade de querer anexar o território situado entre os rios Lurios e Rovuma.(Ibid.)

De acordo com VIEIRA (2011:189) a MANU e a UDENAMO surgem na década 50 na Rodésia do Sul e no Tanganica no asilo. Acrescenta ainda que ambas tinham pouca vocação e projecção nacionalista, embora houvesse já alguma ligação com alguns núcleos na Beira e Lourenço Marques um mais esclarecido. Já em Cabo Delgado, integravam essencialmente emigrantes económicos e estudantes do norte e centro e foi assim que se foram galvanizando pela vivência com a TANU e a ZAPU, criados num contexto diferente.

Por outro lado como foi já referido anteriormente, os nacionalistas, resultam de varias iniciativas e sentimento revolucionário, a MANU por sua vez foi resultado do crescimento político da MANC fundada por Piter<sup>12</sup> Balamanja, nascido em 8 de Junho de 1934, na povoação de Balamanja, regulado de Malume em Niassalândia. Foi aprisionado na Zâmbia<sup>13</sup> pela polícia Federal Intelligence Service Bureau e deportado para a província de Moçambique, às autoridades portuguesas da Beira, a polícia internacional PIDE/DGS em 1963 acusado por atentado a Segurança de Estado quando tentava registar a Kiliman Freedom Party na Rodésia do Sul<sup>14</sup> em Maio de 1963, e 7 anos mais tarde teria sido solto e devidamente controlado tendo seguido para o Malawi onde tentou reagrupar os elementos emigrantes.

---

<sup>12</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012dd> (Informação [da PIDE ao MNE) Entrega pela Rodésia do Sul de dirigentes do MANC às autoridades portuguesas. 1964 p1

<sup>13</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012ii> (Informação da PIDE). Sobre a prisão de dirigentes do MANC: o que aconteceu e o que a polícia recomenda que se diga 1963. p1

<sup>14</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012uu> (Carta ao Director da Delegação da PIDE). Referência à Carta do MANC ao Ministro da Justiça da Rodésia do Sul em que se pedia a legalização do MANC 1963. p.3



### 3.3. UDENAMO – União Nacional Democrática de Moçambique

A UDENAMO nasce em 18 de Outubro de 1960 na província de Bulawayo, na então na Rodésia do Sul, inspirados por São Tomé, Guiné e Cabo Verde, encorajados pela National Democratic Party (NDP), grupo constituído por David Mabunda, Mathuza, Urias Simango e tinham Adelino Chitofu Gwambe<sup>15</sup> como líder fundador, que na altura tinha somente 19 anos e por ser humilde foi a melhor proposta.

Devido a situação política da Rodésia, Jojua Khomo aconselhou a transferir-se para a Tanganika onde estavam já em regime de governo de transição. Chegados a Dar-el-salam, acolhidos pelo governo de Nharere no dia 14 de Abril anunciam ao mundo a criação do partido logo com os outros colaboradores composto por Calvin Mahlayeye, Aurélio Bucuane, Anibal Chilenge, Jaime Sigauque, Guildion Mahluza, Rivaz Sigauke, David Chambal, José Nkovane, Lourenço Matola, mais tarde Hélder Martins e outros resultantes das redes sociais (a Igreja Metodista Unida, a American Board Mission e outras sincréticas como a Zion Church e os Velhos Apóstolos) que tiveram o seu contributo na medida em que os emigrantes e os refugiados movidos pela perseguição da Polícia Portuguesa (PIDE/DGS) exilavam se nos países limítrofes.

Um bom numero, provenientes da Rodésia do Sul que encontravam experiência dos partidos locais que por sua vez partilhavam com os Moçambicanos, até ao ponto de formar este primeiros movimentos (TEMBE, 2014-33). Em paralelo estava em preparação uma conferência, em Marrocos a CONCEP liderada por Marcelino dos Santos<sup>16</sup>. De Marrocos foi enviado um

---

<sup>15</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-AOS/CO/UL,001-00046> Gumane estudou na Missão Católica São Francisco de Assis de Mocumbi – Inhambane, tendo frequentado o ensino secundário na Escola de Habilitação de Alvares de Manica. Posteriormente, ao longo de seis anos, ensinou em diversas Missões e escolas governamentais, vindo a demitir-se, alegando discriminação racial. Parte para a África do Sul, onde ficou chocado com a política de Apartheid. Em Joanesburgo arranja emprego e ingressa no Trade Union Movement, onde inicia a sua carreira política. Ingressa no ANC em 1946. Em 1959, ingressa no PAC (Pan Africanist Congress). Foi ainda eleito para o Cape Town Branch Secretary of the Laundry and Dry Cleaners Workers Union. Em 1960 regressa a Moçambique com a intenção de auxiliar a luta contra a colonialismo e imperialismo português. Aí funda a União dos Agricultores Africanos. Para evitar a prisão, foge para a Cidade do Cabo. Quando da formação da UDENAMO foi eleito para Secretário Nacional da Organização, sob a liderança de Adelino Chitofu Gwambe. É preso em Cape Town, mas consegue fugir em Setembro de 1961 para a Bechuanalândia e, em Novembro, segue para Dar-es-Salam, onde se junta aos combatentes da liberdade para Moçambique. Forja a união que deu origem à FRELIMO, que abandona em 1963. E, já no Cairo, vai reabilitar a velha UDENAMO. Em 1965, com o apoio do governo zambiano, inicia nova campanha de união de movimentos independentistas e, em Lusaka, forma a COREMO. In Arquivo Nacional – Torre do Tombo,

<sup>16</sup> Marcelino dos Santos- Kalungane seu pseudoanónimo- foi revolucionário já em Portugal quando se encontrava a estudar tendo sido preso por participar em encontros comunistas, em Portugal e União Soviética e depois, expulso exilou-se na Franca onde continuo a participar nos movimentos para libertação das colonias portuguesas.

telegrama para convidar os partidos de Moçambique onde a UDENAMO e a MANU estiveram em representação de Moçambique.

Pela UDENAMO foi indicado Adelino Chitofu Guambe, Paulo José Gumane, Fanuel Mathuza, Daud e Kalvino Malhalele e da MANU o Mmole que se juntaram ao Marcelino dos Santos para representar Moçambique. Em Casablanca, Marcelino dos Santos, também se filiou a UDENAMO.

De registar que a emergência deste segundo grupo em Tanganica, criou até certo ponto, desconforto quando se pensava na possibilidade de integração ou fusão dos mesmo. A contradição gerou-se pelo facto da disputa pela liderança e pela representatividade no caso de os membros da UDENAMO se filiarem a MANU liderada pelo Mmole que não era moçambicanos e tinha pouco domínio da situação em Moçambique, Adelino Chitofu Guambe, Fanuel Mahluze, Paulo José Gumane em detrimento dos tanzanianos, ganenses e zambianos que faziam também parte da MANU liderados por Mateus Mmole e Lourenço Malinga Milinga estrangeiros com o objectivo de se unirem em Maio de 1961 e formar um único partido, declarações do Mathuza, em 13 de Setembro de 2001, AHM MP.C858, 1471.

### **3.4. UNAMI- União Africana de Moçambique**

Foi criada por volta de 1959/60 na vila de Moatize, tendo se desenvolvido com maior enfoque nacionalista em Niassalandia já em 1961, primeiro como Associação Nacional Africana de Moatize, de seguida devido a situação política, houve necessidade de camuflar por Clube Africano e se firmou em 1960 em Tete. De referir que uns dos pouco grupos formado no território de Moçambique. Este grupo fundiu-se com outro, Globe National Society of Tete, formado em Salisbury dirigido por Jack Ntundumula, de referir que o mesmo registou se antes como partido com o nome Kiliman Freedom Party em 1962 em Salisbury,<sup>17</sup> como foi referido que os grupos nacionalistas tiveram seu impacto nas zonas semi-urbanas.

Com a independência da Zâmbia transfere-se para Lusaka e o grupo foi liderado por José Baltazar da Costa Changonga, enfermeiro reformado, que mobilizou um pequeno grupo de

---

<sup>17</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012uu> (Carta ao Director da Delegação da PIDE) Referência à Carta do MANC ao Ministro da Justiça da Rodésia do Sul em que se pedia a legalização do MANC Format extent.1963.p3

Moatize, em 1961, a manifestar contra as actividades administrativas de carácter repressivas do sistema colonial dirigido pelo Nazi Pereira. Chongonga liderou um grupo juntamente com o Inácio Nunes e Evaristo Gadaga o qual se consolidou em Niassalândia, actual Malawi onde mais tarde se juntou ao Mariano Matsinhe e Sérgio Vieira que por razões políticas fundam o Clube Desportivo Africano em 1961, que pouco tempo depois seria abolido pelo Governador Craveiro Lopes.

### 3.5. Unidade Nacional

Fontes documentadas e não confirmadas, indicam que a ideia da união entre os dois movimentos teria nascido em 1962 *“The formation of Frelimo was announced for the first time in Accra on 29 May 1962 by the União Democrática Nacional de Moçambique (Udenamo), and the Mozambique African National Union (MANU).”* Segundo Jaime Khamba in (SAVANA, 05.09.2003) a denominação FRELIMO nasceu entre janeiro a Março de 1962 numa conferência em Accra organizada pelo Dr. Nkwame Nkrumah, denominada "Conference of freedom fighters" ou seja conferência dos combatentes da liberdade onde estiveram presentes os senhores Fanuel Gideon Mahluza, vice-Presidente da UDENAMO, Adelino Xitifo Gwambe, Marcelino dos Santos, David José Mabunda<sup>18</sup>.

*... O nome Frente de Libertacao de Moçambique foi sugerido pelo Fanuel Gideon Mahluza, vice-Presidente da UDENAMO e secundado pelo Marcelino dos Santos quando defende a sigla FRELIMO confrontado com a Sigla FREDEMO e foi acolhido por maioria absoluta numa assembleia na qual fizeram parte Adelino Xitifo Gwambe, Marcelino dos Santos, David José Mabunda (presentemente em Michigan, EUA).*

*Após a escolha do nome submeteu-se à apreciação do Dr. Nkrumah, tendo ultimamente sido remetido ao Peter Mbjú Koinange que era Secretário-Geral do movimento Pan Africano do Este e da África Central. Isto viria a culminar com a aprovação da denominação FRELIMO, após que a mesma viria a ser anunciada em Accra e Dar Es Salam... (ibid.)*

---

<sup>18</sup> David Mabunda - Moçambicano nascido na Africa do sul filho de emigrantes.

Esta informação remete a confirmação nos jornais Tanzanianos e Kenyanos<sup>19</sup> da época como foi citado, sem contudo, colocar em causa o facto do Dr. Eduardo Mondlane, ser o arquitecto da Unidade Nacional porque como se pode notar a UNAMI não fazia parte por enquanto.

Entretanto os indícios da união resultaram na relação entre UDENAMO e MANU em 1 de Junho de 1962, cerca de um mês depois com a UNAMI promovida pelo nacionalista Kwame Nkrumah do Gana que impulsionou o trabalho intelectual do Dr. Eduardo Mondlane, na altura funcionário das Nações Unidas, depois de deslocados para os contactos com os grupos de nacionalistas na Zona Sul de Moçambique onde manteve também encontros com o Núcleo de Estudantes de Moçambique e o Centro Associativo dos Negros, amadurecido até certo ponto pela causa nacionalista adquirida na luta pela igualdade. Os estudantes tiveram um papel extremamente importante através da CONCEP, contribuindo para a fusão, da UNAMI juntamente com UDENAMO e MANU.

Dr. Eduardo Chivambo Mondlane, sociólogo formado numa Universidade americana e alto funcionário da ONU, tendo participado em conferências das Nações Unidas e exortado por varias vezes a independência de Moçambique. Dez anos depois do exílio voluntário, desloca-se a Moçambique e escala a zona Sul em 1961, precisamente para Lourenço Marques, Manjacaze e Magude<sup>20</sup> e distrito de Gaza com objectivo de galvanizar os grupos de Estudantes da NESAM<sup>21</sup> proto-nacionalistas, muitas vezes anónimos e clandestinos, lhe pedem para guia-los para a necessidade de se juntarem aos nacionalistas no CONCEP e naturalmente aos movimentos já criados, unidade nacional, e formar um único movimento.

Dr. Eduardo Mondlane havia iniciado contactos com Nyerere, tendo este encorajado pelo ganense Nkrumah e secundado pela CONCEP, organismo coordenador das forças nacionalistas das colónias portuguesas dirigido pelo moçambicano Marcelino dos Santos para concretizarem a União dos três grandes grupos UDENAMO, MANU e a UNAMI (BRAGANÇA, 1980: 1-8).

---

<sup>19</sup> O comprovativo de que a «African Freedom Fighters Conference» realizou-se de Maio a Junho de 1962 é a notícia dada pelo jornal ganiano, Evening News, edição de 6 de Junho de 1962 (pp 1 e 2), com o título, “Mozambique Parties Answer Osagyefo’s ‘Close Ranks Call’”. “Osagyefo” (ou Redentor) era o título honorífico de Kwame Nkrumah.

<sup>20</sup> Fonte oral Domingos Chivambo

<sup>21</sup> A NESAM foi um Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique enque uns dos lideres foi segundo presidente foi Republica Popular de Moçambique Aberto Joaquim Chissano, sucedido pelo Armando Emílio Guebuza o segundo Presidente da Republica de Moçambique e terceiro Presidente de Moçambique. Chissano mais tarde vai para Franca estudar juntamente com o Pascoal Mucumbe em contacto com o Marcelino dos Santos, Dr. Eduardo Mondlane ingressa na FRELIMO.

Foi nessa senda que se fundiu a Frente de Libertação de Moçambique FRELIMO em 25 de junho de 1962, em Tanganyika (VIEIRA, 2011:194-197) e (TEMBE, GASPARGASPAR, 2014:33-35).

### **3.6. FRELIMO - Frente de Libertação de Moçambique**

A formação da Frente foi documentada (TEMBE, 2012:67-86), antecedido de uma conferência preparatória no dia 26 de Junho 1962 foi elaborada uma comunicação oficial de imprensa, junto com o programa e o estatuto anunciando a fusão dos partidos políticos moçambicanos e os órgãos de direção da FRENTE com sede provisória.

Nesta cerimónia, através de vários escrutínios, divididos em departamentos foram eleitos os seguintes membros:

Presidente – Dr. Eduardo C. Mondlane, Vice Presidente – Urias Simango, Secretario Geral – David Mabunda, Vice Secretario Geral – Paulo J. Guruane, Tesoureiro – Mateus Mmole, Adjunto Tesoureiro – Sobrre Mawenda, Secretário da Propaganda – Leo Milas, Adjunto do secretário de propaganda – Ali Mahamed

Foi ainda previsto os cargos oficiais e executivo e os conselhos supremos e os moldes de execução dos fundos que previam a assinatura dos cheques por três órgãos, o Secretário, Tesoureiro e o Presidente.

Neste curto percurso na véspera do Congresso, sucederam-se incidentes de carácter político e de luta pela liderança e protagonismo. Dizia a carta redigida por Dr. Eduardo Mondlane redige uma carta (em anexo) para os estudantes, ao Pascoal Mucumbi e ao Joaquim Alberto Chissano na França e contava o sucedido que quando da visita do Dr. Eduardo Mondlane a Dar-el-Slaam, para um encontro, já marcado, com objectivo de contactar ao presidente da UDENAMO, Hlomulo Chitofu Gwambe para discutir assuntos políticos inerentes aos movimentos de Libertação. Este se teria deslocado 24 horas antes para Acra onde participou de uma conferência, e se registou como o legítimo representante da FRELIMO, antes de terem ocorrido os escrutínios eleitorais democráticos já programados.

Três meses depois entre os dias 23 a 28 de Setembro de 1962, realiza-se o I Congresso, que constituiu um acontecimento importante para o movimento pelo facto de ter galvanizado a Unidade Nacional, o congresso juntou pela primeira vez os três grandes movimentos MANU, UDENAMO e a UNAMI oficialmente integrado, isto é se juntaram os património dos três movimentos principalmente da UDENAMI e MANU que estavam melhor estruturados (TEMBE, 2012:73) e Malhusa,

De referir que nem todos os elementos destes grupos aderiram a ideia da união, porque isso implicaria a perda de protagonismo, repare que os donativos financeiros até a esta altura eram drenados a título individual<sup>22</sup> muitas vezes sem critérios de judicativo o que possibilitava a emergência de pequenas lideranças a margem da causa nacionalista. Daqui esse mesmo grupo conservador atçou o diálogo com o Salazar, através da ONU, no sentido de proceder uma descolonização pacífica.

Contudo um outro grupo liderado pelo Dr. Eduardo Mondlane defendia que uma vez os acontecimentos de 16 de Junho de 1960, Salazar não pretendia ou não queria incorrer a descolonização de Moçambique nem de outras colónias portuguesas, daí que a luta Armada seria a Única forma para conquista da Independência.

### **3.7. FRELIMO - Sustentabilidade**

De acordo com o Boletim de informação da FRELIMO (1964:5), depois da realização do seu primeiro Congresso de 23 a 28 de Setembro de 1962, o Movimento Popular de libertação de Moçambique aderiu aos princípios da carta da OUA e passou a participar na qualidade de observador da Conferência dos Chefes de Estado em Addis a Beba em 1963, onde foi formado o Comité coordenador para a libertação dos países de África. Assim, a FRELIMO assumiu a libertação de Moçambique e granjeou o apoio dos países africanos e internacionais na luta contra o sistema colonial português que se caracterizava pelo imperialismo capitalista.

Com o apoio político da OUA, o grupo alargou contactos internacionais com os povos da Europa, Ásia e América Latina a busca de apoios políticos militares, económicos e diplomáticos.

---

<sup>22</sup> Entrevista do Mathuza na TVM feita pelo Emílio Manhique no Programa no singular em 1993.

A Frente de Libertação de Moçambique, FRELIMO reuniu-se com a OUA pela primeira vez num encontro particular em Dar-es-salaam em 1963, Cx. 23. Reuniões de Nachingweia.

Como referimos no capítulo anterior as Organizações Unidas de África, com o reconhecimento da legitimidade das Lutas Armadas, a administração dos três principais movimentos independentistas da (MPLA, PAIGC e FRELIMO), com o estatuto de observador Geral, em Setembro de 1962, incrementou a ajuda significativa como foi o caso da FRELIMO, contrariamente ao COREMO, UNITA e outros que não reuniam alguns requisitos ficando de fora deste fundo. Assim sendo os países do mundo identificavam-se com a autodeterminação dos povos oprimidos, não só, aliado ao bloco de Leste que potenciava o sistema socialista disponibilizando o apoio.

De referir que depois da Segunda Guerra Mundial o mundo ficou linearmente dividido em duas grandes ideologias, nomeadamente o comunismo e o capitalismo que se ombreavam na conquista de um número maior de aliados, isso interferiram bastante na luta pelas independências e depois no contexto da Guerra Fria.

Para além da OUA, a FRELIMO beneficiou de vários apoios internacionais que se podem subdividir em três aspectos.

- Apoio político e financeiro: Incentivo moral e político militar e academias doados pelos países baixos, Índia e outros;
- Apoio em armamento bélico militar: A China, Rússia, Argélia, foram os mais destacados;
- Apoio logístico e formação militar: Argélia, Tanzânia, Egipto, China e outros;

Apoio Nacional depois do segundo congresso, onde foi anunciado que a guerra seria dura e prolongada, houve a necessidade de adequar o movimento em forças populares de libertação de Moçambique o que significou que toda a população era da FRELIMO.

Segundo a Revista Tempo n.104 de 1968, para a FRELIMO de acordo com Eduardo Mondlane falando sobre os apoios da URSS, referiu que os movimentos de libertação eram de primeira ordem como o caso de Moçambique, referiu “... *Nenhum estado fora de África apoia a*

*FRELIMO no mesmo grau que a URSS ...” (Resolução 312 (1972)), e Samora Machel, também nos anos mais tarde, salientava, em intervenção no 24º Congresso do Partido Comunista Soviético, que:*

*... O povo moçambicano está convencido que o vigésimo quarto congresso do PC da URSS promoverá decisivamente a consolidação de todas as forças anti-imperialistas, e isso possibilitará a intensificação do processo de destruição do imperialismo e do colonialismo. Queremos expressar a nossa gratidão pelo auxílio prestado à nossa luta (...) o vosso auxílio contribui largamente para a intensificação da nossa luta... (CEA, UEM, Caixa 23/S).*

Não obstante estas declarações de que muitos países apoiaram a FRELIMO, face ao êxito alcançados a ONU e a OUA em reconhecimento internacionalmente a FRELIMO, e a declaração de independência. Muitos mais países responderam ao apelo económico-financeiro dos dirigentes da FRELIMO, para auxiliarem na sua causa da independência de Moçambique. Os países africanos que mais apoios prestaram à FRELIMO, foram a Tanzânia, Argélia, a Tunísia, a Guiné e a RAU, e os não africanos, Índia, Iraque, Bulgária, Roménia, Checoslováquia, Países Escandinavos e Comités não-governamentais dos EUA.

Segundo a FRELIMO, o apoio do mundo ocidental foi conseguido pelo vasto movimento de solidariedade desenvolvido pelas forças democráticas e progressistas.

Em 25 Setembro de 1964, desencadeou-se a Luta Armada em três frentes, Cabo Delgado, Niassa e Zambézia na perspectiva de progredir gradualmente para o centro e sul.

Constatada a desordem e dificuldades na persecução da natureza da Guerra prolongada, o Comité central reunido em 67, redesenha novas formas de administração da Luta tendo recomendado o chefe de Defesa Samora Moisés Machel a tomar medidas adequadas para por termo a crise crescente.

- 1- Subordinar a luta armada – momento eminente da luta política. Todas as actividades civis da organização;
- 2- Centralizar a tomada de decisão a escala provincial.



Estas decisões não foram acatadas por todos, um certo grupo os, "Chairmen" os Macondes,<sup>23</sup> imbuídos de experiência na Luta da ZAPU na Tanzânia e de Gana, liderados pelo velho Mzee Lazaro N'kavandame que recebeu o cargo de responsável pelo Departamento do Comércio, resistiram a estas decisões, continuaram a receber apoios e donativos e junto com Urias Simango relançaram o projecto de atacar os centros urbanos com objectivo de libertar a sua própria província e proclamar uma eventual independência restrita.

Perante esta situação que pouco a pouco influenciava a juventude da região que participava no transporte de armamento para as zonas mais longínquas em direcção do sul do país, e começaram a reivindicar este processo questionando a necessidade de tanto sacrifício já que se tinham libertado do inimigo local. Esta situação desoladora provocou um recuo no avanço da luta, porque depois do segundo congresso o presidente da Frente de libertação Nacional, obcecado pela unidade Nacional aventou a estratégia de utilizar sobre todos os riscos a entrada de armamento via Malawi e Zâmbia para avançar com a luta na zona centro.

Foi neste contexto que foram assassinados dois líderes da FRELIMO, Paulo Samuel Kankomba em 22 de Dezembro de 1968, adjunto chefe de operações das Forças Populares de Libertação de Moçambique e de seguida o Dr. Eduardo Chivambo Mondlane, presidente da Frente de Libertação de Moçambique e comandante em chefe. Perante a estes factos, o comité central da FRELIMO reuniu-se de 11 a 21 de Abril de 1969, onde fez uma análise em que se concluiu que o sistema português não era único inimigo, eram também inimigos os novos exploradores, isto, quando são associados os factos antecedentes já referidos que presumiam haver colaboradores internos.

Paralelamente a estes acontecimentos, por volta de 1970, são associadas a responsabilizações para as acções da PIDE/DGS que preparavam a ofensiva Nó Górdio, concebida pelo General Kauza de Arriaga junto com a NATO, onde pretendiam aniquilar a FRELIMO em três meses, para implantar de novo a administração colonial defendida por este grupo.

---

<sup>23</sup> Marcelino dos Santos no seu comunicado no simpósio dos 50 anos explica a questão da denominação étnica de Maconde. Refuta que ao chamar maconde aquele grupo na altura da luta de libertação tinha como objectivo descrinar ou indicar grupo de cabo delgado e mostra que eram todos chamados de macondes inclusive ele próprio por pertencer ao UDENAMO. Para referir e como na África do sul que chamam a todos os moçambicanos de Machangana.

A operação contava com o apoio da África do Sul que estavam munidos de aviação e marinha com 40 000 militares (BRAGANÇA, 1980:6).

#### **4. CAPÍTULO III**

##### **4.1. A GÊNESE DO COREMO SUA RELAÇÃO COM A OPOSIÇÃO Á FRELIMO**

###### **4.1.1. Introdução**

Perceber a gênese da oposição à Frente de Libertação de Moçambique passa necessariamente por compreender o sistema moderno capitalista no quadro dos interesses dos blocos Ocidental capitalista e o Comunista Socialista no âmbito da Guerra Fria caracterizado por disputas ideológicas. O Bloco ocidental liderado pelos EUA contra o Pacto de Varsovia liderado pela RUSSIA descenderam de forma “silenciosa” a luta pela ocupação do mundo.

Na tentativa desenfreada de alargar as influências pelo mundo não poupou os países ainda colonizados os casos das colónias portuguesas.

No caso em estudo NCOMO (2003:209) citando Jorge Jardim Terra Queimada, as colónias portuguesas ficaram abrangidas no conflito na tentativa de a substituir o colonizador e ou alargar cada vez mais as suas influências ideológicas.

Devido as debilidades dos movimentos de libertação, em geral, desde a fase da formação o imperialismo assim como o comunismo, procuraram assumir o papel de apoiar a consolidação destes, o que implicou muitas vezes no despoletar antagonismo dentro dos movimentos de Libertação resultando na origem de movimentos e partidos próprios e o não próprios.

Neste capitula a abordagem versa na compreensão do móbil da formação do Comité de Revolucionário de Moçambique que se apresenta num triplo sentido em simultâneo.

A primeira funda se na agregação e manutenção dos elementos clássicos resistente á integração a FRELIMO, provavelmente devido as ambições pessoais que contestavam a representatividade e exclusividade.

A segunda combinada com as manobras dos portugueses, de resistir a descolonização com receio sobre tudo do regime pós-independência.

A terceira conjugada pela lutas de representatividades dos países africanos na lideranças dos movimentos libertadores em simultâneo com o objectivos desenfreado pelos blocos ocidentais e do comunismo constituído pela Rússia e China que se desarticulou em três fases uma primeira fase comunista depois na outra, mais tarde, capitalista em 1972.

#### **4.1. Mobil da Formação do COREMO**

Na História de Moçambique o COREMO iniciou a sua formação a partir dos anos 1962-63 por dissidentes a resolução para a formação da FRELIMO, logo depois da sua formação no primeiro Congresso da Frente de libertação de Moçambique que realizou-se em Dar-es-Salam, entre 23 e 28 de Setembro de 1962, em “Arnotorgh Hall” que culminou com as eleições para o presidente o Dr. Eduardo Mondlane com 126 votos contra Urias Simango e Baltazar Costa com 69 e 9 votos e para o Cargo de Secretário Geral Mabunda 119 e 89 para o Gumane.<sup>24</sup>

O senhor Senhor Guambe não participou no Congresso tendo desaparecido para sitio incerto, provavelmente para Uganda onde mais tarde em 20 de Maio 1963, Forma o FUNIPAMO juntamente com Mateus Molle, Daude e o Constâncio Guiamba, confirmado pelo Fanuel Mathusa AHM, MG- C863, 1476.

Do Congresso resultou a a decisão do início da luta armada contra o imperialismo bandeira, o primeiro estatuto que referia a formação de uma Frente do povo, pelo povo e para o povo, em que a soberania da nação fosse fundada na vontade popular, e pelo respeito da Declaração Universal dos Direitos do Homem e na liquidação da educação e cultura colonialistas e imperialistas e evento foi liderado pelo Dr. Eduardo Mondlane (ELLSTRÖM, 2008:89).

Entretanto, no 22 de Setembro dias depois houve necessidade de deslocação do Presidente da FRELIMO Dr. Eduardo Mondlane para EUA, a fim de terminar os seus compromissos com as Nações Unidas donde regressou em Fevereiro do ano seguinte em 1963, indicando para seu cargo o Vice-presidente Urias Simango que coordenaria com Senhor Leo Milas de nacionalidade

---

<sup>24</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm.Documento> Interno do MNE; MANU, UDENAMO, FRELIMO e MANC;quadro tribal, interferências externas, cronologia...1963.p 7

até então duvidosa, negro americano, natural de Texas<sup>25</sup>, realçar que por estas alturas as desconfianças e o tribalismo se fazia sentir no seio do grupo recém formado.

Constas nos também, este foi o período conturbado, caracterizado de ideias e acções antagónicas como:

O ressurgimento e reconstituição dos grupos pelos antigos líderes conservadores da: UDENAMO-Monomotapa, UDENAMO-Moçambique, UDENAMO-Acra, MANO-Moçambique, UNAMI e a MANC que já em 1965 se divergiam com capa de defender interessem partidários<sup>26</sup> como forma de acomodar interesses de poder.

(FRELIMO,1964:2) levantaram como causa das clivagem o facto de os órgãos de informação oficial de Gana que incentivavam os órgãos de comunicação do *Bureau for African affair*, de apoiar alguns líderes nacionalista, anti-FRELIMO injectando expensas para conspirar contra o líder Dr. Eduardo Mondlane e sua Esposa Janet, (VIEIRA, 2011:198). Por estes motivos surgem alas contraditórias, no paradigma de quem deve ser membro da FRELIMO.

*“...a actuação pública da UDENAMO [Monomotapa] no Tanganica revelou-se principalmente na insistência para a expulsão do Dr. Eduardo Mondlane, que o acusa de agente do governo americano<sup>27</sup>. De resto, segundo consta, as ligações comunistas dos dirigentes da UDENAMO parece terem começado a exercer pressão em favor do partido...uma notícia 24 de Agosto de 1962, fazendo referência a uma comunicação conjunta da UDENAMO e da MANU, realizada no Cairo, repudiando a formação da FRELIMO<sup>28</sup>...”*

A diversidade de opção pela linha política entre o comunismo e o capitalismo, não só também a variável linguística, pois uma boa parte de guerrilheiros se comunicava em kiswahili e Quioco que falavam e escreviam, aspectos “étnicos culturais”. Outros ainda se justificam pelo método de

---

<sup>25</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm> (Movimento de Emancipação de Moçambique/2: Documento interno do MNE: MANU,UDENAMO,FRELIMO,MANC; quadro tribal, interferências externas, cronologia...1963 pp.14

<sup>26</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012x>(Actividades dos chamados movimentos de libertação de Moçambique). Conversações em Lusaka tendentes à unificação dospartidos políticos moçambicanos: FRELIMO, UDENAMO,MONOMOTAPA, MANC, UDENAMO MOÇAMBIQUE 1965 p 5.

<sup>27</sup>[http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555\\_al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555_al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm) (Movimento de Emancipação de Moçambique/2: elementos de referência). Documento interno do MNE: MANU,UDENAMO,FRELIMO,MANC; quadro tribal, interferências externas, cronologia...1965p14

<sup>28</sup> <http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.CHILCO270> (Press communique)- Press release from COSERU regarding its opposition to FRELIMO.1963 p 3

luta a enveredar, se seria por via armada ou não armada, também se indicou a falta de determinação de quem era o inimigo AHM, MP-C869<sup>29</sup>.

Mesmo pela ausência do Presidente Mondlane, não se iniciou a Luta Armada no dia 24 de Março ou Julho de 1964, devido a resistência dos Maconde que receava o episódio de Mueda e na mesma altura o Vice Presidente Urias Simango, iniciava contactos com a Rodésia para fixar base com objectivo de atacar Beira.

O paradigma e acusações pelo facto de Leo Milas ser de origem duvidosa acusando-o de ser um agente do imperialismo americano e alegavam este ser da etnia Zulo. Contudo havia já informações colhidas na Zâmbia pela ZAPU á assegurar que Leo Milas era pseudónimo e o verdadeiro nome era Leo Clinton Aldridge, Jr. (HERIKSEN,1978:174) e era um agente da CIA, confirmado por (TEMBE, 2004:38-42). Daí que o facto criou distúrbios na condução dos destinos da Frente de Libertação de Moçambique e despertou desconfiança no seio dos camaradas e uma parte que acreditava se desarticulou.

Este caso foi posteriormente esclarecido e descobriu-se que tratava-se de um negro americano treinado no Texas, infiltrado para espionagem (TEMBE, 2014:47-48), este era já um problema anterior.

Em 3 de Outubro de 1962, Urias Simango, Fanuel Guidion Malhuza, asseguraram que estrangularam a revolta contra Eduardo Mondlane em Dar-es-Salam (ZANGAZENGA, 2013) estas informações, são confirmadas na entrevista do Fanuel Malhuza, na TVE – Moçambique em Maio de 2000, conduzida por Emílio Manhique, declarou que foi ele quem convidou ao Eduardo Mondlane para aderir a UDENAMO para contrariar ao padre Urias Simango que se achava o homem ideal para liderar aquela juventude dirigida pelo Adelino Chitofu Guambe, criando assim clivagens étnicas de poder, embora de forma disfarçada uns dos maiores interesses se parece ainda com luta de poder económico alcançado através dos lugares cimeiros de liderança que lhes permitia maior proximidade as finanças, nesta mesma entrevista reconhece que ele também de forma inconsciente contribui, colaborando com o tribalismo quando redigiu uma carta ao Dr. Eduardo Mondlane de origem Nguni a convida-lo em língua Tsonga para que os que não

---

<sup>29</sup> Fonte oral AHM entrevista Samuel Simango e Fanuel Mathuza no 17-11-2001, conduzida por Gerald Luisgang, Joel Tembe e Simão Jaime

dominavam a língua não entendessem o conteúdo da carta (CANAL de MOÇAMBIQUE, 2011:2) de 5 de Outubro numa entrevista a Janet Mondlane.

Suposições já adiantadas por vários documentos acessíveis justificam-se como se as causas da oposição sejam derivadas de conflitos tribais, como é o caso do livro “*Datas e Documentos da Frelimo*” (MUIUANE, 2006:345-346). Contrariamente há convicções o relatório da PIDE/DGS adiantou que a resistência<sup>30</sup> em aderir a uma frente única era porque isso levaria a perda automática dos poderes individuais dos anteriores líderes dos partidos, a quando da formação da FRELIMO, previa-se que os líderes dos anteriores movimentos passariam por um escrutínio democrático para eleição das novas lideranças e assim perderiam logo a posição de poder.

Outras penumbras apontam para o facto da génese do COREMO, em oposição a FRELIMO ser decorrente de factores exógenos e endógenos. A primeira defende ser de manipulação estrangeira, apoiadas pelos governos da Zâmbia, do Kenya, Egipto, Marrocos, Algéria, Gana e EUA mais tarde a PIDE/DGS, que posicionaram-se como sendo os grupos com maior influência na OUA e deviam ser responsáveis pela continuidade das regras de gestão nos assuntos das lutas de libertação na África Austral; a segunda, surge devido as clivagens de grupos moçambicanos, motivados pela ambição na liderança, influências e benefícios, (VELOSO,1990:74), (VIEIRA, 2011:134-156) e (NCOMO, 2003:238) fazem uma descrição e apontam que alguns companheiros tinham um carácter de ambiciosos.

Nesta óptica (HENRIKSON, 1933: 28-30) e (COELHO, 1989:62-64) apontam como causas imediata da criação do COREMO a associação de interesses económicos dos países africanos como o de Malawi do Banda e Zâmbia que defendiam a necessidade de acesso ao mar por um lado e da manutenção das minorias brancas da Rodésia do Sul, não só, por outro lado a Zâmbia foi uns dos potenciais contribuinte das OUA e tencionou manter se como o única canal de financiamento na África Austral, por outro lado, Gana como foi dito pretendia usufruir do mandato na representatividade da OUA para gestão dos movimentos de libertação na África Austral.

---

<sup>30</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-A-1-2649\_m0024.jpg

(ADAM, 2006:73) invoca diversos argumentos como a natureza das políticas económicas como estratégia e tática a adoptar na perspectiva futura de Moçambique pós-independência, os preservar interesses étnicos económicos<sup>31</sup>.

Segundo o Relatório das actividades do COREMO em Luzaka para Cairo nos arquivos da PIDE/DGS, confirmado na entrevista do Samuel Simango AHM, MP-C871 1484 relatando as actividades dos Movimentos de Libertação em Moçambique, referiu que num encontro entre os dias 29 a 31 de Março de 1965 em Lusaka, apoiado pela UNIP e liderado pelo sub-secretário dos assuntos pan-africanos A.J.K Kangwa, com objectivo de unir os movimentos, participaram a FRELIMO representado pelo Dr. Eduardo Mondlane e um outro individuo referido por, A. Sithole; a UDENAMO-Moçambique Liderado pelo Adelino Chitofu Guambe e Calvino Mahlayeye e a MANC pelos senhores Peter Simbi e M.S. Zambeze. Neste encontro estava ausentes os representantes da UNAMI e a MANU.<sup>32</sup>

Foi neste encontro onde se concebeu oficialmente a formação do COREMO e daqui traçados os métodos e acções junto a ONU, OUA e outras organizações “amantes da descolonização”. De salientar que no evento ocorrido em de Março de 1965, reunião presidida pelo membro parlamentar da UNIP para os assuntos Pan-africanos, foi decidido primeiro a criação de um Comité Revolucionário de Moçambique (COREMO) com o objectivo de assegurar a adesão de todos outros grupos incluindo a UNAMI e a MANU que ainda não se tinham filiado<sup>33</sup>. Neste debate o Dr. Eduardo Mondlane, a chefiar a delegação da FRELIMO, não aderiu a ideia, pelo facto de este ter sido já reconhecido pela OUA e demais instituições que se identificavam com a autodeterminação e mais convidava a todos movimentos para mais uma vez integrem se a FRELIMO. Neste mesmo documento, relatórios vem referido que com a retirada dos líderes da FRELIMO foi decida a criação do COREMO no dia 31 de Março 1965 em Lusaka na Zâmbia coma perspectiva de anexar posteriormente a MANU e UNAMI ausentes neste encontro<sup>34</sup>.

Uma parte dos membros da UDENAMO liderado pelo Piter Simbe proveniente da MANC também aderiu ao projecto formando o COREMO.

---

<sup>31</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0051.jpg

<sup>32</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco264>- Documents relating to COREMO application for AAPSO membership. 1967

<sup>33</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012x> (Conversações em Lusaka tendentes à unificação dos partidos políticos moçambicanos: FRELIMO, UDENAMO, MONOMOTAPA, MANC, UDENAMO MOÇAMBIQUE 1965 p.2)

<sup>34</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012x> (Conversações em Lusaka tendentes à unificação dos partidos políticos moçambicanos: FRELIMO, UDENAMO, MONOMOTAPA, MANC, UDENAMO MOÇAMBIQUE 1965 p.4)

Entretanto numa Sessão Extraordinária nos dias 15 e 17 Junho 1965, convidados pelo Khaunda em Lusaka para auscultar os líderes Adelino Guambe, Eduardo Mondlane, Piter Simbe no sentido de união dos movimentos de libertação e consequentemente a formação de uma nova instituição. O presidente da FRELIMO Dr. Eduardo Mondlane defendeu a ideia de manter e absorver os outros partidos contrariando a proposta. Foi assim uma vez a retirada do Eduardo Mondlane AHM, MP-C869, 1483 ficou patente a iniciativa de criação de uma nova instituição alternativa a FRELIMO onde seriam aglutinados os movimentos UDENAMO-Monomotapa, UDENAMO-Cairo UNAMI, MANC e a MANU e depois da eleição do presidente cada um destes movimentos iria se fazer representar mantendo seus vínculos anteriores, até a eleição do um novo presidente. A acta ou memorando foi assinado pelos 5 líderes dos movimentos<sup>35</sup>.

#### **4.1.1. Fundação do COREMO**

No dia 18 de Junho de 1965, foi anunciado oficialmente a fundação do Comité Revolucionário de Moçambique fusão e extinção dos movimentos nomeadamente das Novas UDENAMO-MONOMOTATA e a MANC<sup>36</sup> no I Congresso, onde se deliberou:

No Congresso foi concebida a Constituição e Programa onde se identificavam valores sociais, políticos e económicos nacionais. Neste Congresso participaram delegados da UDENAMO-Monomotapa, UDENAMO-Acra, MANC, UNAMI e a MANU e<sup>37</sup> tinha como ponto pontos:

- Tornar o COREMO representante de toda população africana de Moçambique;
- Determinação na luta contra as forças do Governo Colonial Portugues;
- Necessidade de uma força unida com todos movimentos na luta; e

---

<sup>35</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco253> Resolutions from the Preparatory Committee of the Mozambique Revolutionary Committee (COREMO).1965. P.2

<sup>36</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco264>- Documents relating to COREMO application for AAPSO membership.1967. p2-9

<sup>37</sup> <http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.CHILCO246> University of Southern California, University Archives Description COREMO Constitution and Programme following the first congress. 1965 p1-28



- Definiu como seu único órgão legislativo, conferências anuais que tinha como órgãos executivos o comité executivo, Conselho Executivo, Presidência, Secretaria Geral, Tesouraria, Departamento de Administração, Departamento de Segurança e Defesa e o Departamento de Organização, definiu como Órgão Militar por: Batalhão, Companhia, Pelotão e denominou de Exército Revolucionário do Povo de Moçambique (EREPOMO).

O COREMO regia-se por um programa que previa, actividades sociais para além da luta armada relações diplomáticas, edificação de um estado soberano com um Governo Democrático Popular, como se pode se confirmar.<sup>38</sup>

*...unir e mobilizar todos moçambicanos...lutar através da luta armada...estimular todas as forças patrióticas...lutar em conjunto de todos africanos para irradicação de toda a dominação estrangeira...colaborar com todas forças progressivas...colaborar e coordenar com povos asiáticos e América-latina...estabelecer uma independência nacional...elaborar uma República Democrática...construir um governo popular...afirmar direitos inalienáveis...estabelecer a Unidade Nacional...construir e promover o Desenvolvimento Económico e defender os interesses do povo moçambicano...(Ibid. p. 19-20)<sup>39</sup>*

O COREMO foi presidido primeiro pelo Adelino Hlomulo Chitofu Guambe, seguido por Paulo José Gumane no dia 19 de Novembro de 1966, e foram membros líderes Fanuel Guidione Mahluzam, Urias Simango, Costa Dyomba, Mazunzo Bobo, Judas Honwana, Francisco Marco, Bernardo Forte, Samuel Simango, Absolam Bahule, Artur Xavier Lambo Vilanculos, Joana Simião, Sebastião Sigauke, A. Faustino Kambeu, Judas Honwana, Lourenço Mutaca, António Lourenço Chade, Jeckessene Dacka, Sebastião Sigauke, Fernando Matias, Armando Timo, João Manukusse, Cipriano e Marcelino Nbulu.

Durante este período o COREMO desenvolveu diversas actividades políticas, contudo, com pouca coerência devido ao facto da falta de credibilidade e estrutura. Em paralelo a crise financeira, desentendimento no topo da estrutura de direcção.

<sup>38</sup>[www.aluka.org/action/showmetadata?Doi=10.5555/al.sff.document.chilco246](http://www.aluka.org/action/showmetadata?Doi=10.5555/al.sff.document.chilco246)- coremo Constitution and Programme following the first congress.1965.P1-28

<sup>39</sup><http://www.aluka.org/action/showmetadata?Doi=10.5555/al.sff.document.chilco219> Constitution of COREMO.1965,12 page(s)

A pressão foi de tal forma que no dia 27 de Setembro Adelino Gumane foi expulso, acusado de ser da esquerda influenciado pelo Nkruman e este exilado forma o Partido Popular de Moçambique (PAPOMO), que congregava várias elementos das facções conservadoras.

Nos meses seguintes, após a sua formação entre 17 Outubro a 22 Setembro 1966, o COREMO realizou uma conferência na Zâmbia perto Mitambowa onde foi indicado Paulo José Gumane novo presidente, aqui se marcou mais um momento de clivagem pelo poder (facto que vamos desenvolver no capítulo a seguir).

A estrutura organizacional viria a alterar no II Congresso em 28 a 30 de Janeiro de 1967, na Zâmbia na base Macheka onde participaram 300 delegados e um número superior de embaixadores Zaire, Quênia e da Zâmbia.

O COREMO era de linha comunista e ostentava uma figura de expressão comunista a “Estrela Vermelha”, o movimento concebeu uma estrutura organizacional de modelo comunista na seguinte forma hierárquica<sup>40</sup>: National President, Deputy National President, National General Secretary, National Financial Secretary, Deputy National Financial Secretary, National Military Attache, Deputy National Military Attache, National Director for Information Culture and Social Services, Deputy National Director for Information, Culture and Social Services, National Chairman, National Organizing Secretary entre outros até ao National Directress for Women League e National Plenipotentiary Secretary.

Mais tarde em 1972, precisamente depois de Mateus Gwenjere e Urias Simango serem expulsos da FRELIMO, e feliado ou convidado para filiar neste Partido com pretexto, Unidade Nacional, o presidente Gumane, nomeou Uria Simango Secretário para as Relações Exteriores; Artur Faustino Kambeu Vilankulo, a Secretário da Informação; Judas Honwana, a Secretário adjunto da Informação e responsável pela Juventude; e Lourenço Mutaca, a Secretário para assuntos especiais.

---

<sup>40</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00125> (Press conference - Absorption of Udenamo and MANC into one body, COREMO) With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein.1965 p4

## **4.2. COREMO – Solidariedade e Sustentabilidade**

A Europa e o Ocidente depois da aventura no âmbito do expansionismo ocidental no século XIX, e animada pela competição económica, industrialização, guerras e crises do sistema económico internacional e consequentemente com a disputa pelo alargamento de influências ideológica e bases de sustentabilidade dos blocos.

No caso dos EUA sempre protagonizaram em África disputas de forma silenciosas e selectiva de países como Etiópia, Marrocos, Líbia e Congo Kinshasa para fazer frente a Argélia Tanzânia pró-soviética. Os objectivos do bloco Ocidental eram inessencialmente as reservas de óleo gás natural que sempre constituíram um activo económico e estratégico para esta aliança liderada pelos EUA.

Enquanto a Rússia obviamente aliado ao pacto de Varsóvia constituída pela Checoslováquia com tradição de fabrico de armas a RDA mais tarde, alargavam a areia de interesse económico político e geoestratégico no âmbito da Guerra Fria.

Na África Austral a Zâmbia era o terceiro maior contribuinte da OUA a recordar que ela acabava de se tornar independente e paralelamente a isto também dependia das infra-estruturas dos caminhos de ferro da Beira para o acesso ao mar, ela desempenhou um papel pouco claro no apoio aos movimentos de libertação os ditos “autênticos e os não autênticos”

Este capítulo tem como enfoque mostrar o resultado da manipulação dos grupos e indivíduos em forma de apoio que contribui na esfera impulso e consciência nacionalista corrompida na década 60, para um objectivo futuro no Estado novo depois da independência.

### **4.2.1. Apoios a COREMO**

O COREMO beneficiou de diversos apoios de carácter material, incentivo moral e ideológico, político militar dos povos comunistas assim como do bloco capitalista.

Numa nota Nº 432-SG/CI<sup>41</sup> com assunto, apoio da China Comunista aos Movimentos terroristas, com data de 14-04-67 arrolou vários elementos preparados militarmente em Pequim estacionados em Kampala. Os relatorio da PIDE e do COREMO referem a drenagem de varios apoios e presenca de lideres do COREMO para mmobilizacao de apoios financeiro, militares, sociais concretamente na areia da educacao e saude, como foi casos elementos do COREMO nomeadamente Sebastião Sigauke, Armando Timo, João Manukusse e Cipriano.<sup>42</sup>

Os países que mais se evidenciaram foram, a Zambia através da ZAPU, apoiou fornecendo campos de treino militar, e foi tambem este território que serviu de retaguarda do movimento.<sup>43</sup> Incluindo o Egipto e Israel.

Da Asia a China<sup>44</sup> e Rússia em 1964, na Europa Alemanha em 1973, Franca<sup>45</sup>, Checoslováquia,<sup>46</sup> Com metralhadoras ligeira, semiautomáticas, pistolas, granadas e morteiros. Argélia, Gana em treinos militares retrata se ainda apoios<sup>47</sup> em materiais bélicos, viaturas, edifícios, R.U.A<sup>48</sup>, América e outros mais tarde os portugueses através da PIDE/DGS prestaram apoio diverso ao COREMO. Os apoios ao Comité Revolucionário de Moçambique eram operados de várias formas, de entre elas, formação belicista e militar, logística e também na componente Humanitária.

Na vertente ideológica foi firmado um memorando com a Cooperative Africana Microform Project e Immanuel Wallerstein<sup>49</sup> com o objectivo de dar resposta ao défice moral, diplomático, financeiro e material ao Comité Revolucionário de Moçambique<sup>50</sup>.

---

<sup>41</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012r> (Apoio da China aos Movimentos Terroristas) Elementos do PAPOMO e do COREMO treinados na China 1967. p1

<sup>42</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012>(Apoio da China aos Movimentos Terroristas) Elementos do PAPOMO e do COREMO treinados na China 1967. p1

<sup>43</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012i> (COREMO/ZAPU) Balamanja, secretário do COREMO.1971. p1

<sup>44</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012r>(relatorio da PIDE Movimentos Terroristas. Elementos do PAPOMO e do COREMO treinados na China 1967

<sup>45</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0119.jpg relação de material bélico e relações internacionais 14.01.71

<sup>46</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\\_m0119](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4_m0119)

<sup>47</sup> Em anexo =PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0107 pedido de auxilio externo 1971 p1

<sup>48</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\\_m0051](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1_m0051)

<sup>49</sup> Immanuel Wallestein é director do Centro Fernand Braudel para Estudos de Economias, Sistemas Histórias e Civilizacionais (Binghamton, N.Y.) e editor da revista trimestral Review

<sup>50</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00125> (Press conference - Absorption of UDENAMO and MANC into one body, COREMO)) With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein. 1965 p.4

Nesta mesma componente, de referir que os militares recorriam a ritos de fortificação num feticeiro conhecido por Chicanga Sadama no Malawi numa zona perto do lago Muzimba chamada Sadama. Neste feticeiro eram preparados para afugentar todos males, fortalecerem-se também na liderança<sup>51</sup>.

O COREMO mais tarde, beneficiou também de apoio financeiro da OUA através do Kenya que apoiava os Movimentos de Libertação da África Austral,<sup>52</sup> não só o movimento tinham sedes no Cairo<sup>53</sup>, Lusaka, Nairobi e Kinshasa.

Na componente social<sup>54</sup> a Itália, Egipto, Génova e o Conselho Mundial das Igrejas, drenaram valores financeiros para áreas de educação, saúde e produção. Referir ainda que no que diz respeito as massas, o COREMO possuía simpatia de moçambicanos exilados maioritariamente no Congo mais tarde Zâmbia, Malawi Tanzânia e Moçambique.

Na arena política<sup>55</sup> destacam-se os Estados Unidos, França e Alemanha, China mais tarde Suécia, países onde os líderes participaram em conferências internacionais e campanhas para granjear simpatia e credibilidade internacional, e apoio na determinação de um movimento nacionalista da luta pela libertação.

As notas internas de correspondência, com informação de carácter confidencial, número 1657, referem que o COREMO gozava de apoio popular nos distritos de Tete, Manica, Niassa, Zambeze e Sofala e comunica ainda que esta estivesse mais nas nos distritos localizado, contrariando citação “...heróico povo africano de Moçambique contra o imperialismo português...”<sup>56</sup>. Contudo, inqueridas estas declarações com documentos subsequentes que retratam acções do COREMO, mostram acção e simpatia nas zonas de Tete, Sofala e Manica com intensidade verificável e de forma superficial nos distritos de Zambézia e Niassa.

---

<sup>51</sup> Em anexo

<sup>52</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\\_m0137.jpg](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4_m0137.jpg)- COREMO serviços sociais, 31.01.1974

<sup>53</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0303[1].jpg comunicado com embaixada de cairo em Elizabethville s/d

<sup>54</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\\_m0137.jpg](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4_m0137.jpg) – COREMO serviços sociais, 31.01.1974

<sup>55</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\\_m0354.jpg](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1_m0354.jpg) – delegação do coremo em pequim 7.9.65 p1

<sup>56</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\\_m0002](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1_m0002) Panfleto distribuído pelo COREMO em Janeiro 1965

## 4.2.2. LUTA DE LIBERTAÇÃO

Uma vez reflectida a componente de apoio e sustentabilidade económica militar a etapa a seguir vamos conferir a sua aplicação e sustentabilidade através das bases e acções militares num numero de cerca de 10 mil Homens AHM, MP-C869, 1483 no território da província de Moçambique. O subcapítulo procura mostrar a localização das bases em termos da sua situação que permitiam servir de retaguarda segura para os casos de contra ataques. Dai as bases do COREMO se localizarem nas fronteiras da Zâmbia.

## 4.2.3. Bases Militares

O COREMO em 1966 tinha umas das bases militar localizada em Macheka<sup>57</sup>, Chiuta a cerca de 30-25 Quilómetros da Fronteira Moçambique dentro do território Zambiano, mais tarde uma outra na área do posto administrativo de Zambue, depois das conversações com o Governo Português com fins de independência, a base era comandada pelo guerrilheiro Nzozi chamada Kambembeiro, Robate no interior Tete.<sup>58</sup>

Mais tarde alargou a zona de operação e criou departamentos militares constituídos por grupos A e B2 em Furancungo, vila Coutinho, Chicoa, Zobue Changara, Gorongosa- G-B.2 – quartel-general do sul, vila Paiva de Andrade – Beira, Chipungabera, Machanga, Matangula-Norte, Maniamba- comunicacoes Norte, Milange – Informações fortaleza, recrutamento, Posto do Chile – Massigil, Morrumbala – Base Treino Mocuba e Montepuez – Cabo delgado

Foram comandantes os guerrilheiros Armando Nhanguana, Johne, Alberto Langwane, Lucas José Tambara, Filipe Dubue, Lucas Mutombo, Nawawa, Julian Nzozi, Gabriel Machava e outros<sup>59</sup>.

Entretanto, na parte do apoio popular e militantes há indícios de que uma parte do apoio logístico e financeiro, de acordo com as cartas que revelam que o COREMO estava estabelecido nas zonas de Niassa, Tete, Sofala e Manica onde o seu departamento de mobilização engajava militantes

---

<sup>57</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0007.jpg refere que o campo estava situava-se dentro da Zâmbia 9.1972

<sup>58</sup> Em anexo digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4490404\_4\_m0117.jpg refere que o campo estava situava-se dentro da Zâmbia 9.1972

<sup>59</sup> Chama-se atenção que os nomes dos Comandante nem sempre eram reais, por razoes estratégicas de guerra não só devido ao ruído da gravação foi difícil captar

para as suas fileiras. Contudo a sua concretização encarava dificuldades perante uma FRELIMO bem estruturada com uma frente mais comprometida com a população. Dai que os relatórios por vezes contradizem-se no campo militar, quando referem ataques e assaltos na zona Niassa, Zambézia, Cabo Delgado em detrimento dos distritos de Tete e Manica pontos em que lhes permitia uma retaguarda, Zâmbia e Malawi respectivamente.

#### **4.2.4. Acção Militar**

Em 1965 precisamente no dia 9 Novembro, um grupo de 20 militares do EREPOMO dirigidos por Mathuza constituído por Jameson, Rajabu, Ndonze e Mponda realizaram uma das primeiras incursões no distrito Tete, em Zombo onde mataram três soldados portugueses, num outro dia 13 do mesmo mês, atacaram a povoação de Zibedia e no dia 22 atacaram uma loja conhecida por Loja do Neves em Zobue<sup>60</sup> mais tarde, um posto administrativo de Macanga e centro perto do actual barragem Cahora Bassa, referiu o relatório do COREMO para Acra que capturaram americanos e portugueses com suas respectivas armas nas regiões de Zobue, Fingue e Zumbo<sup>61</sup> para além de um número de 12 militares do exército colonial que se renderam (africanos) e três de cor branca. Em retaliação o exército colonial empreendeu mortes massivas a população incluindo crianças, velhos e senhoras e prisões, o que obrigou as populações a se refugiarem na Zâmbia<sup>62</sup>, no ano seguinte em 1966, empreendeu um ataque a aldeia do regedoria João, no Zumbo que também surpreendeu o exército colonial português, pela forma espontâneo das acções (COELHO, 1989:62-63).

O Exército Revolucionário empreendeu ataques também a Partit de Mimosa com objectivo de atingir a zona de Milange, Morrumbala na Zambézia em 1966, nos anos seguintes atacou o norte de Zumbo, Maravia e Macanga de uma forma desfalecida (ibid).

Finalmente em 1968 o EREPOMO se fez sentir com uma intensidade verificável quando ataca a base militar das forcas portuguesas de Furancongu (COELHO, 1989:63). Este foi o último ataque de envergadura ao exército português conhecido até altura.

---

<sup>60</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0194.jpg - actividades do COREMO 09.11.1965

<sup>61</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0195.jpg – actividades do COREMO 9.11.1965

<sup>62</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco264>-Documents relating to COREMO application for AAPSO membership. 1967 p. 4

Nesta incursão abateram um helicóptero com militares portugueses onde morreram vários, alguns capturados e outros em fuga. Os capturados foram entregues a cruz vermelha internacional sediada na Zâmbia.<sup>63</sup>

Em 2 de Março 1972, realizou um confronto entre as tropas da FRELIMO e o COREMO dando se registado baixas consideráveis por parte do COREMO<sup>64</sup>

Durante este período aconteceram alguns actos macabros típicos de guerra, provavelmente aliado ao facto da sabotagem interna no seio do COREMO, fragilidade económica e financeira, clivagem pelo poder e liderança, aliança com sistema colonial e a consecutiva perda de apoio e prestígio notabilizaram se crimes de guerra como a captura de padres portugueses, populações brancas extorsão e assassinados comprometendo e denegrindo cada vez mais a simpatia com o governo do Kenneth Kaunda.<sup>65</sup> Estes assuntos serão desenvolvidos mais adiante.

#### **4.2.5. COREMO Degeneração Versos Hibernação**

Falar da degeneração aparente do COREMO versus hibernação, se tem como risco de incorrer a falsas generalizações, pelo carácter secreto e o elevado interesses dos protagonistas de guardar estas memórias e assumirem também o protagonismo. Mas seguindo as histórias das actividades e as participações dos mesmo nos campos político-militares e económicos na região nos leva a compreender o sentido de aparente pausa e reestruturação do movimento.

O presente capítulo vai procurar trazer os diversos momentos convergentes no âmbito das actividades e da sua construção que de certa forma colaboraram para sua degeneração.

Na da década 70 e um pouco antes<sup>66</sup> os Congressos do COREMO eram resultante de etapas caracterizados por conflitos como foi já referido, mais já em 1972, quando Paulo José Gumane e Gwendjere coincidiram com a ideia de uma descolonização passiva de Moçambique, pela forma parcial ou total, passos que já tinha sido iniciados pelo Presidente José Gumane se abriram espaço de interferência da PIDE/DGS através do interlocutor Banda do Malawi e Jorge Jardim

---

<sup>63</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco224> (Comunicado da imprensa)- COREMO press release about fighting in Mozambique1966)

<sup>64</sup> Excerto do trabalho 1972. Os longos dez anos de (re) construção de pertenças em Moçambique, 1972-1982: uma cronologia

<sup>65</sup> Em anexo- PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0102.jpg – clivagem internas na luta pelo poder 1973

<sup>66</sup> Em Anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0056.jpg- Comunicado do consulado geral de Elizabethville 19.02.1966 p1



um dos principais homens de confiança do Zalazar, agente da PIDE/DGS, Embaixador no Malawi, amigo pessoal de Ian Smith, Engenheiro agrônomo com investimentos na Beira e Lourenço Marques e era patrão do Evo Fernandes seu colaborador e Orlando Cristina, Artur Vilankulos e Fanuel Mathuza, e outros que foram membros do COREMO, depois da MNR, mais tarde RENAMO cujo ocuparam papéis preponderante nas organizações anteriores, (GOMES, AFONSO. 2013:79-81 e OLIVEIRA. 2006).

Reza a história do COREMO nos seus dossiês, assim como nos acervo da PIDE/DGS e nas memórias que no seio do Comité, no contexto das sucessões, de 1966 e 1972 viveu-se intensas lutas e clivagens intestinas pelo poder, na escala das lideranças, principalmente no que toca a sucessão dos dois líderes sucessivamente: O Adelino Chitofu Gwambe e Paulo José Gumane as principais estruturas integrantes do COREMO, foram uma constante<sup>67</sup>. Os conflitos internos levaram ao afastamento de Adelino Gwambe na conferência anual do COREMO, em Agosto de 1966. A saída de Adelino Gwambe que ficou exilado no Malawi condicionou a emergência de mais um partido no mesmo ano o Partido Popular de Moçambique (PAPOMO), e com a eleição de Paulo José Gumane para presidente do partido e de Amos Sumane para vice-presidente, que também é expulso e cria a UNAR,<sup>68</sup> se agravou a situação interna.

Por um lado ao alegar que o vice-presidente criava divergências entre os elementos oriundos do Norte, onde pretendia formar um partido nacionalista, constituído por elementos dali originários, em oposição aos do Sul, com a entrada o Padre Mateus Gwendjere um líder comprometido com a libertação dos Macondes, por outro lado o engajamento do Urias Simango com Secretário numa proposta para presidente, agravaram-se as clivagens políticas de natureza étnica económica.

As clivagens no nível de direcção proporcionaram, crise no campo do exercito e no seio dos guerrilheiros do COREMO, por falta de mantimentos e valores monetários, obrigando a recorrer a captura de um total de 15 a 16 elementos incluindo padres Portugueses, e exigindo resgate em

---

<sup>67</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0102 clivagem interna na luta pelo poder 26.07.1973

<sup>68</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00147> Attribution With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein.1968 p4

valores numéricos, tendo os assassinados e enterrados depois de se ter envolvido o governo da Zâmbia e a Cruz Vermelha Internacional.

A situação política e a falta de aplicabilidade das convenções de Guerra, quanto ao tratamento dos prisioneiros de guerra e civis, que eram executados<sup>69</sup> (os casos dos padres, operários do Programa plano de Zambézia) comprometeu o governo zambiano que se sentiu obrigado a descartar as relações com estes guerrilheiros, tendo os prendido nas vésperas dos acordos de cessar-fogo até a formação do governo de transição. Na sequência exortou a todos militantes do COREMO para aderirem a FRELIMO único movimento representante do povo.

A componente de gestão, era constituída maioritariamente de elementos expulsos da FRELIMO por má conduta.

consequentemente a componente internacional diminuiu significativamente principalmente o apoio financeiro não só também a componente de gestão de comunicação com os apoiantes africanos a Zâmbia e Malawi, assim como com os agentes humanitários da Cruz Vermelha deteriorava-se. Enquanto isso Portugal apoiado pela África do Sul e Rodésia, através do Acordo Secreto Alcora, acelerou o desgaste das acções militares do COREMO tornando a cada vez mais frágil e dependente<sup>70</sup>.

Por volta de 1974, com o Golpe de 25 de Abril em Portugal, o grupo não conseguiu se adequar as novas exigências com a união dos diversos grupos proeminentes de Lourenço Marques e Zambézia, tendo pedido o apoio já desgastado da Zâmbia. Foram combatidos e desestruturados, alguns aderiram a FRELIMO outros foram aprisionados na Tanzânia e posteriormente nos campos de reeducação em Moçambique.

## **5. IV CAPITULO**

### **5.1. O DINAMISMO DA FORÇA DE OPOSIÇÃO**

#### **5.1.1. Introdução**

---

<sup>69</sup> Em anexo - PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-3\_m0019.jpg . Foram assassinados a tiro 15.01.70

<sup>70</sup> Em anexo - PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0112.jpg varias tentativas de mobilização financeira 17.01.1974

Contrariamente a suposta degeneração do COREMO o sistema capitalista moldou-se de forma a garantir a sua continuidade, isto na perspectiva de defesa de interesses das minorias branca da Rodésia Pretória e Moçambique.

Presente capítulo procura relacionar do COREMO com a RENAMO a partir dos pontos e elementos que sustentaram e evidenciam a conectividade entre os vários grupos e vamos partir do princípio da origem do COREMO que já aglutinava várias grupos relativamente independente, com a sua crise, os diversos lideres sentiram-se obrigados exilar nos países vizinhos, alguns presos na Zambia, mais tarde para fazer valer e ou manter os seus ideias, alguns coligaram se a MNR e outros aderiram por coincidências dos objectivos a este novo partido que se foi formando deste 1974 a 1977 para cumprir com os seus projectivos iniciais “ Oposição a FRELIMO”.

Recuando para o período de 1968, quando resistiram grupos apoiados por portugueses que agregavam os conservadores da MANU, UDENAMO, UNAMI, COREMO e a FRELIMO, chamada ROMBEZIA a UNAR que alegavam estar desgastados com a guerra e com o objectivo de negociar a Independência parcial de Moçambique e instaurar um governo anticolonial, anti guerrilha, democrático que não visava retaliação como os casos de Vietname, América, Uganda e outros países que estavam a imergir em guerras civis<sup>71</sup>.

### **5.1.2. UNAR - Rombezia African Nacional Union**

A UNAR fundada em Malawi pelo Amos Sumane e outros dissidentes, quer do COREMO quer da FRELIMO (GOVEIA. 2011) mais tarde liderado por Jorge Jardim e sua comitiva de filhos de portugueses nascidos em Moçambique, provavelmente filhos de prazeiros já moçambicanos, reivindicava a zona entre os rios de Zambézia ao Rovuma, isto a abarcar as três províncias Zambézia, Cabo Delgado e Niassa e toda a zona do sul de Tete e defendiam uma política de não hostilidade caracterizada pelo cristianismo<sup>72</sup>.

---

<sup>71</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00147> (Rumbézia African National Union (UNAR), Vol. 1,No.1) With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein.1964 p4

<sup>72</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00147> (Rumbézia African National Union (UNAR), Vol. 1,No.1) With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein. 1968 p 4

Estes grupo não queria ter relações com a Rússia, EUA, Mondlane, Urias Simango, Ngumane, Adelino Chitofu Guambe nem Marcelino dos Santos. Esta atitude, conduz a probabilidade de que insidiam os apoios a FRELIMO e se distanciavam dos grupos antagónicos<sup>73</sup>, insolando aparentemente o sistema colonial português.

Em 1974 em simultâneo na zona sul, centro precisamente em Lourenço Marques, Beira e Nampula, vários grupos se fizeram sentir com impacto significativo como os casos de: MONIPAMO, MONIREMO, MONIPOMO, UNIPOMO, FICO, FRECOMO e o GUMO, o Grupo Unido de Moçambique liderado por Dr. Arouca, com origens nas zonas urbanas das capitais, constituído maioritariamente por estudantes e assimilados de classe média baixa<sup>74</sup> (TEMPO. 1974:171:17), que agregaram alguns militantes que viriam a militar na MNR.

### **5.1.3. ALCORA Acordo Secreto – Africa do Sul, Portugal e Rodésia**

A independência de Moçambique na Africa Austral tinha suas implicações quando a garantia da continuidade da minoria burguesia brancas na Rodesia e o Regime de Apartheid na Africa do sul e uma vez frustrado o adiamento da independência através do COREMO.

Os governos de Portugal, África do Sul e Rodésia, desenham e firmam em 14 de outubro de 1970 o Acordo Secreto do colonialismo, com o objectivo de procurar fazer das colónias da região da África Austral fontes alternativas e permanentes de receitas económicas.

Aliás, em 1969 uma luz de esperança para os regimes brancos da África austral, nasceu do Conselho de Segurança dos Estados Unidos, quando definiu como politica o apoio ao regime branco desta região.

Cada um dos governos brancos na região tinha seus objectivos económicos e Portugal tinha em manga o consórcio com a ZAMCO para a construção da Barragem de Cahora Bassa, a África do Sul estava a realizar uma prospecção dos minerais enquanto o regime da Rodésia também procurava manter estreitas relações com a África do Sul que tinha um poderio económico e militar (AFONSO & GOMES, 2013:156-158).

---

<sup>73</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00145> ([Carta de um adventista do Sétimo Dia, refugiado no Malawi, a um sacerdote católico refugiado na Tanzania. Signed "Alberto."]). With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative African Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein. 968.p1

<sup>74</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.ahmtem19740512> (Tempo, No. 191)

Foi nestes encontros onde empresários e pessoas influentes, começaram a traçar planos de intersecção às independências na região, no caso de Moçambique o Jorge Jardim amigo pessoal do Ian Smith actuam em colaboração. Porém, com a emergência e crescimento do nacionalismo e lutas pela auto-determinação e independências, o plano secreto ALCORA é abortado, o projecto de construção do Bloco Branco da África Austral, e a contínua manutenção da falecida hegemonia económica Europeia.

As razões que levaram ao insucesso do acordo secreto ALCORA, foram variadas: o desenvolvimento das lutas armadas em Angola e Moçambique, no caso de Moçambique os ataques na via Beira-Rodésia e Machipanda-Gondola em 31 de Dezembro a 1 de Janeiro e consequentemente a fadiga da população branca; o início dos primeiros passos de conversações com os movimentos de libertação em 5 de Fevereiro de 1973, liderados por Kenneth Kaunda e Jorge Jardim Eng. e empresário amigo do Ian Smith, nascido em Portugal, tinha como associado o Ivo Fernandes, nascido na Beira, estes aventavam a independência unilateral e formação de governação multirracial. A revolução e o golpe, 25 de Abril de 1974, em Portugal, a confiança dos resultados no sucesso da luta das Forças Populares de Libertação de Moçambique já na iminência da derrota e ao alcance da independências. O Acordo Secreto embora dispendioso, com planos até certo ponto controversos entre os membros, teve o seu fim em 25 de Abril de 1974. Assim, abortava-se o primeiro plano de conservação da comunidade branca em África, o que obrigou a um segundo plano alternativo.

O Poder Sul Africano encabeçado pelo Ministro de Defesa P.W. Botha apoia o Eng<sup>a</sup>. Jorge Jardim um dos últimos representantes de Portugal e o Ian Smith para travar as independências de Moçambique, com receio que o território e o governo da FRELIMO viriam a servir de retaguarda no combate as minorias brancas da Pretoria e da Rodésia do norte, como vamos ver mais adiante na criação da MNR- RENAMO. Embora em 29 de Maio, o Primeiro Ministro sul africano, John Voster e Ian Smith afirmaram não querer interferir nos assuntos internos de Moçambique. Afirmção recíproca também teria sido feita por Joaquim Chissano em 17 de setembro de 1974, e mais tarde, em 19 de setembro, o Primeiro Ministro sul africano depois de felicitar o governo moçambicano pela independência avisou que a África do Sul que iria agir em legítima defesa

caso Moçambique disponibilizasse o território em apoio as bases de guerrilha contra o seu governo (AFONSO, GOMES, 2013:224-318).

Em 25 de junho de 1975, cerca de 10 meses depois do período de Governo de transição onde se acordou entre as partes que FRELIMO seria o único partido representante do povo moçambicano com legitimidade de formar um novo governo soberano, 0.00 h do mesmo dia, proclamou a independência para todo território nacional e convidou a aqueles que manifestassem o desejo de se afirmar moçambicanos que o assim o fariam<sup>75</sup>.

A FRELIMO publicou CRPM 1975<sup>76</sup> onde um dos objectivos fundamentais era “a eliminação das estruturas de opressão e exploração coloniais... e a luta contínua contra o colonialismo e o imperialismo”. Segundo, foi instalado na República Popular de Moçambique (RPM) o regime político socialista e uma economia marcadamente intervencionista, onde o Estado procurava evitar a acumulação do poderio económico e garantir uma melhor redistribuição da riqueza. O sistema político era caracterizado pela existência de um partido único e a FRELIMO assumia o papel de dirigente, e várias foram as tentativas de se adequar as realidades, daí que a constituição sofreu várias modificações, a primeira em 1976<sup>77</sup>, em 1977<sup>78</sup>, em 1978<sup>79</sup>, em 1982<sup>80</sup>, em 1984<sup>81</sup> e finalmente em 1986<sup>82</sup>.

Contudo a revisão constitucional de 1990 apresentou alterações muito profundas praticamente em todos os campos da vida do País. Estas mudanças que já começavam a revelar-se na sociedade, principalmente na área económica, a partir de 1984, encontram a sua concretização formal com a nova Constituição aprovada. Tais como: Introdução de um sistema multipartidário, Introdução de regras básicas da democracia representativa e da democracia participativa e o reconhecimento do papel dos partidos políticos; Na área económica, o Estado abandona a sua anterior função intervencionista e gestora, para dar lugar a uma função mais reguladora e controladora (previsão de mecanismos da economia de mercado e pluralismo de sectores de

---

<sup>75</sup> 'Boletim da República, ' 1.a série, n.os 1, de 25 de junho, 3 (suplemento) E 15, respectivamente de 1 e 29 de julho de 1975.

<sup>76</sup> Publicada no BR n.º1, I Série, Quarta-feira, 25.06.1975

<sup>77</sup> 4 8ª Reunião do Comité Central da Frelimo, publicada no BR n.º42, I Série, Sábado, 10.04.1976

<sup>78</sup> 2ª Sessão do Comité Central da Frelimo, publicada no BR n.º100, I Série, Terça-feira, 30.08.1977.

<sup>79</sup> Lei n.º11/78 de 15 de Agosto, publicada no BR n.º97, I Série, Terça-feira, 15.08.1978

<sup>80</sup> Resolução n.º11/82 de 01 de Setembro, publicada no BR n.º34, I Série, Suplemento de Quarta-feira, 01.09.1982.

<sup>81</sup> Lei n.º1/84 de 27 de Abril, publicada no BR n.º17, I Série, Suplemento de Sexta-feira, 27.04.1984.

<sup>82</sup> Lei n.º4/86 de 25 de Julho, publicada no BR n.º30, I Série, 2ºSuplemento, Sábado, 26.07.1986

propriedade); Os direitos e garantias individuais são reforçados, aumentando o seu âmbito e mecanismos de responsabilização;

#### **5.1.4. MNR – RENAMO versus COREMO regeneração**

O Movimento Nacional de Resistência (MNR), foi criado pela tripla aliança constituída por Rodésia e Pretória e Portugal nos princípios da década 70, tendo-se firmado em 1977, com sede em Salisbúria. Como o nome diz, o objectivo era resistir ao processo de descolonização em Moçambique como forma de garantir a continuidade da comunidade branca na África Austral.

Por que apontava que a Frelimo albergava a elite do ANC e da ZANU, para a efectivação das operações estratégicas com o objectivo de derrubar os regimes do apartheid e rebelde de Ian Smith da Rodhesia do sul e África do sul respectivamente, o regime apartheid sul-africano e o rodesiano de Ian Smith. Por outro lado, as forças reacionárias portuguesas (comandadas por Jorge Jardim e Orlando Cristina assim como Evo Fernandes) impelidas pelo bureau político de Lisboa que permitiu e concedeu a assinatura dos acordos de Lusaka em 07 de setembro de 1974 que garantia a transição formal e definitiva do poder para a Frelimo, o que veio a culminar com a proclamação da independência nacional a 25 de junho de 1975, fundaram a MNR.

A razão porque a política rodesiana formou “Mozambique National Resistance” (MNR) na sua versão inglesa, era a experiência de combate à guerrilha que o exército britânico tinha desenvolvido no Quênia contra os Mau Mau. Porque durante a década 70, a Frelimo e a União Nacional Africana do Zimbábue (ZANU), tinha dado início a uma cooperação, onde os guerrilheiros da ZANU, tinham bases em áreas controladas pela Frelimo, nas zonas fronteiriças com a então Rodésia do Sul e a medida que a incapacidade portuguesa de combater a Frelimo se tornava mais clara, os militares e os serviços secretos da Rodésia, começaram a agir de maneira mais autónoma dentro de Moçambique, na sua caça à soldados da ZANU e seus simpatizantes.

Quando Moçambique se tornou independente, a ZANU teve liberdade total em Moçambique, de circular e organizar a sua guerrilha contra o regime de Ian Smith, com isso surgindo uma contra medida dos serviços secretos rodesianos liderados por Ken Flower, em intensificar o desenvolvimento e coordenação do MNR, para transforma-la numa unidade maior de combate à ZANU dentro do território moçambicano. Um dos portugueses mais proeminentes do MNR, era Orlando Cristina, que tinha sido o responsável pela formação das tropas especiais contra a

guerrilha da FRELIMO, quando o exército português já não conseguia impedir que estes se expandissem pelo país. Essas tropas especiais eram conhecidas pelas suas incursões brutais contra a população civil e por razões históricas e geográficas, os moçambicanos negros que faziam parte destes movimentos (grupos especiais e MNR), eram recrutados na sua maioria na zona central de Moçambique, com predominância do grupo étnico Ndau.

Na altura da independência moçambicana, Ken Flower transformou este movimento na organização das pseudo unidades, com o intuito de os assemelhar aos terroristas que ameaçavam a segurança rodesiana de seguida deu uma reviravolta no conceito e as unidades foram transformadas em pseudo guerrilha, em como unidades que perseguiam a guerrilha da ZANLA em Moçambique e eram apresentados como um movimento de guerrilha moçambicano. Como consequência do apoio rodesiano aos insurgentes no território nacional, em Março de 1976, Moçambique optou igualmente por implementar as sanções das Nações Unidas, tal como havia acontecido por parte da Rodésia, quando aderiu as sanções mandatarias impostas a pedido da Grã-Bretanha, utilizando rotas comerciais através da África do Sul e do território moçambicano controlado pelos portugueses (MINTER, 1994: 41).

Da parte moçambicana que participou activamente para a fundação da MNR, fizeram parte, a família Fernandes (Evo Fernandes e Ivete<sup>83</sup> Fernandes), Jorge Jardim, Alvaro Corte Real, Orlando Cristina, Lucinda Feijão e mais tarde o Artur Vilanculos antigo membro da FRELIMO depois COREMO como interlocutor da CIA nos Estados Unidos depois para RENAMO, em 1982 Fanuel Guidion Mahluza, ex-militante da FRELIMO nos anos 60 e do COREMO, trabalhou como assessor das relações exterior da RENAMO. (OLIVEIRA, 2006:31-40).

O grupo exercia as suas actividades na Rodésia do Sul com o apoio de Ken Flower chefe da CIO Orlando Cristina assegurava a *Rádio voz da África Livre* que viria a mudar a sua linha editorial, de carácter racista, com a chegada do André Matsangaissa, passando a denominar-se *Voz da RENAMO* (SERRA,1998-216). A África Livre inicialmente esteve sediada provavelmente na

---

<sup>83</sup> A Ivete Fernandes – de acordo com o relatório da PID/DGS PT-PIDE-D-001-4126-4\_m0043, de 24.5.71 uma senhora com o nome Ivete teria ludibriado a Cruz vermelha internacional, para transferir dinheiro de resgate dos portugueses capturados pela COREMO. Tendo se refugiado mais tarde na França.



África do Sul composta pelos movimentos de libertação da direita da África Austral como PAC, SWAPO, ZAPU, UNITA e COREMO. AHM, MP-C869, 1483.

Neste período, a chegada do Matsangaissa, complementar a luta dos combatentes do gabinete e cafés de Salisbúria, os conhecidos grupos do levantamento ocorrido a 7 Setembro que negava a forma como era o projecto da independência.

André Matade Matsangaissa, foi guerrilheiro da FRELIMO, desde 1970 treinado em Nachinguea, e operou na zona centro. Com o avanço da luta Armada de Libertação de Moçambique, para a zona sul em simultâneo os acordos de cessar-fogo, foi destacado para uma obra na zona centro onde não se deu bem, tendo ficado preso no campo de reeducação até 1977, ano em que elaborou sua fuga, ficando exilado na Rodésia e colaborou no processo de transformação da MNR para RENAMO.

O processo da criação da RENAMO, contou com a participação de todos os grupos que se opunham aos nacionalistas revolucionários, incluindo também estrangeiros. Os indivíduos que se uniram no seio da RENAMO provinham das alas dos grupos como: dissidentes da FRELIMO, COREMO e os renascentes das instituições coloniais.

A partir dos meados dos anos 80, precisamente em Março de 1986, a Renamo era um típico movimento de guerrilha com uma importante capacidade militar e apoio de antigos colonos portugueses famílias como Corte Real, Bollord, Jardim entre outros com capital na Rodesia, Kenya, Estados Unidos, Inglaterra e a África do Sul no regime do Apartheid.

Os países vizinhos retaguarda da RENAMO são constituídos igualmente pelo Malawi, Kenya Egipto, África de Sul e outro tradicionalmente de oposição ao sistema socialista.

## **6. CONCLUSÃO**

Embora o interesse principal fosse entender a génese da oposição à Frente de Libertação de Moçambique, como movimento de libertação e mais tarde como partido FRELIMO, foi imperioso estabelecer a relação entre as dinâmicas internas e externas nos diversos períodos anteriores que permitiu construir a tese do antagonismo entre os grupos, movimentos, partidos como sendo basicamente de carácter étnico económico.

Constatou-se que as dinâmicas internas que proporcionaram as clivagens étnicas dentro de um espaço territorial de Moçambique, foram as lutas intestinais pelo alargamento de área de domínio política e económico-social pelo menos por Ngunes, Ndaus e Macondes, que contribuíram negativamente nas relações internas entre os grupos nacionalista. Esta tese fundamenta-se nos estudos do (CHICHAVA, 2008) que mostrou que os problemas étnicos mal resolvidos são persistentes.

Na vertente das dinâmicas externas, subdivididas em dois grandes etapas: Primeiro e com particularidade o caso de Portugal, o colonizador. Muitos antes no sec.XV no período do mercantilismo, conquista de territórios, domínio de povos através da conversão baptismos religiosos, civilização, encobriram o interesse económico (acumulação de capitais) que se tornou mais claro no período da colonização. Pois ficou claro que Portugal era um país pobre e as suas economias dependiam das províncias ultramarinas

Especificamente quando se refere ao interesse de conversão através do baptismo, traz consigo feitos étnicos e de identidade mais o fim último era tornar o Homem como vassalo, súbdito garantido a colecta de impostos. Defende Balandier que para conhecer os problemas de um país colonizado é necessário conhecer o país colonizador.

Segundo a persistente interferência do imperialismo dos blocos do ocidente capitalistas em disputa com bloco comunista do socialismo no âmbito da Guerra Fria. Contribuíram agudizando as relações entre países membros das OUA, Gana, Tanzânia, Egipto, Zâmbia fomentando alas de apoio e retaguarda para o desenvolvimento das lutas de libertação em Moçambique e África Austral. Este argumento fundamenta-se nas teorias de (WALLERTEIN, 1974) moderno sistema mundial. Não só, também existiu coocorrências dentro do mesmo bloco os casos do comunismos da Rússia e da China.

Portanto desde o nascimento da consciência Pan-africanista e o nacionalismo foi acompanhado de interesses internos e externos na disputa pela diversificada de poder.

Já em 1973,74 com a eminência da independência, levantou-se outra dinâmica com características mistas internas e externas isto é: um sentimento de incertezas com o período pôs

independência e a preservação dos estados das minorias brancas da África do Sul, Rodésia e dos Brancos, mestiços e assimilados de Moçambique.

Países como Angola, Etiópia depois da queda do imperador, Argélia, Somália, Guiné Bissau e Moçambique ficaram envolvidos no cenário da Guerra Fria através da influência dos movimentos antagónicos MPLA e FNLA e UNITA, FRELIMO e MNR-RENAMO em prolongamento dos conflitos na luta de libertação (JESUS 2010:39-43). Portugal teve um duplo papel neste cenário numa primeira fase, foi inimigo comum quer dos movimentos africanos nacionalistas assim como dos países que se identificavam com a política de autodeterminação, a Rússia, China, EUA e a Europa Ocidental, mais tarde com a agudização dos interesses e crescimento do comunismo, foram retraçadas novas estratégias onde Portugal e a Nato instrumentalizaram os movimentos não autênticos os casos do COREMO.

Voltando a questão génese do antagonismo e lutas pela liderança, como foi referido nos capítulos anteriores. As crises na FRELIMO iniciaram depois do I Congresso ou ainda antes na fase da Conferência para a fundação da FRELIMO, precisamente na de integração dos vários movimentos UDENAMO, MANU e MANU, por um lado mais tarde acentuada pelas clivagens entre os parceiros que participaram na consolidação dos movimentos como o caso do Egipto, Gana, Uganda, Zâmbia e EUA.

Resultando na formação do COREMO em 1965, como alternativa, que iniciaram suas actividades primeiro com disputa de apoios e representatividade nas Organizações Unidas da África e paralelamente na luta contra o sistema colonial e a Frente de libertação de Moçambique.

Nos anos 1972 a 74, depois da Operação No-Gordio Portugal, derrotado e com exercito fracassado alia-se aos grupos dissidente e residentes já no períodos dos acordos de Lusaka, alguns instrumentalizados pela PIDE/DGS por um lado e os Governos da Rodésia, África do Sul de Portugal com objectivo de salvaguardar os interesses das etnias brancas.

Depois da independência, estabelecido o comunismo, acompanhada pelas nacionalizações em 1977, declarado Partido Comunista do Marxismo leninismo e as minorias brancas ameaçadas politicamente.

Fortificaram aliança com a África do Sul do Arpathed economicamente estável com Portugal e Rodesia, insidindo apoios a RENAMO e a UNITA para intensificaram a desestabilização e o terrorismo para vingar.

Em 1980 e constituída a SADC, estratégia global para iniciar a eliminação das diferenças económicas entre os povos da região com maior enfoque na dependência económica com a Africa do Sul, articulam-se políticas regionais para o efeito.

Em 1986 com a morte Samora Machel e indicado Joaquim Alberto Chissano para presidência, liderou mudanças no sistema, abraçando a democracia liberal em 1990 com os acordos de Roma.

Em 1994 finalmente decorreram as primeiras eleições democráticas legislativa os quais não satisfizeram a vontade geral. Por não ter atingido a satisfação da oposição armada.

Finalmente a fundamentação de que a génese da oposição a FRELIMO partido e antes Frente de Libertação de Moçambique se justificar com a justificação de categoria étnico económica

Resgatando a teoria do Maslow onde o Homem tem a necessidade de satisfação das suas necessidades básicas que muitas vezes não se compadecem aos interesses nacionais.

As políticas de exclusividades devem ser melhoradas cada vez mais.

## ANEXOS

### QUADRO CRONOLÓGICO DE EMERGÊNCIA DE MOVIMENTOS DE LUTA EM MOÇAMBIQUE DE 1960-1994

Acrónimo	Nome	Ano da fundação	Origem	Objectivo	Líderes	Ideologia e Natureza	
CANM	Centro Associativo dos Negros de Moçambique	1944	Lourenço Marques	Discutir o Nacionalismo		Social	Social
CEA	Centro De Estudos Africanos	1951	Lourenço Marque				Cientifica

COREMO	Comité Revolucionário de Moçambique	1963	Zâmbia, Gana	Independência mobilização anti-colonial e anti-realismo,	Hlomulo Chitifo Guamane Paulo José Guambe Piter Simbe Fanuel Mahluza, Simango, Costa Dyomba, Mazunzo Bobo, e outros	Comunista e capitalista	Economico e politica
MONIPAMO		1974	Beira Lourenço Marques	Governar	Marrupa Basilio Banda	Liberal	
MONIREMO		1974	Beira Lourenço Marques	Governar	Pedro		
CONVERGENCIA		1974	Beira Nampula	Governar	Coligacao	Liberal	Capitalista
UNIPOMO		1974	Beira Lourenço Marques	Governar	Lazaro Kavandam e	Liberal	
FICO	Frente para independência e continuidade de ocidente	1974	Lourenço Marques	Independência e Preservação da herança	Maximo Dias, Joana Simiao	Liberal	economico
FRECOMO	Frente de Convergência de Moçambique	1974	Beira e Lourenço		Joana Simiao	Liberal	
FUMO		1971	Lourenço Marque e Nairobi	Independência mobilização anti-colonial	Domingos Arouca, Marcelino Nbule, Alvaro Recio, Cardigas, Matias	Liberal	Socio economico
FUNIPAMO	Frente Unida Anti-Imperialista Popular Africana de	1963	Kampala	Independência mobilização anti-colonial		Anti imperialista	Socio economica

	Moçambique						
GUMO	Grupo Unido de Moçambique	1974	Lourenço Marques e Beira	Independência Mobilização anti-colonial	Maxino Dias, Joana Simiao, Jorge Abreu, Lizete Simoes	Liberal	Socio economico
UNAMI	União Nacional de Moçambique Independente	1961	Mohatize Tete	Reivindicação contra Administração Portuguesa	José Baltazar Changonga, Vasco Campira Simbe, Mineje Jeke Ntundumula, Guterres Bila	Social	Socio economica
MANC	Mozambican African National Congress	1963	Rodezia e Zambia	mobilização mística e anti-colonial	Peter Baramanja Jack Ntundumula	Economico Socio-político	
MANU	Mozambique African National Union	1960	Kenia Organização dos Makondes parte da Uniao Makonde de Mocambique fundada em 1957	organização étnica, de auto-ajuda dos maconde e mobilização anti-colonial	Matthew Mmole, Lawrence M., Millinga Fautino Vanomba, Tiago Muller Kibiriti	Economico Socio-político	
MOLIMO	Movimento de Libertação de Moçambique	1970	União de Frente Unida de Moçambique e Movimento de Libertação de Moçambique	Independência mobilização anti-colonial	Henriques Nyankale	liberal	Economico
FUNIPAM O-FRENTE	Frente Unida anti-imperialista Popular Africana de	1967/8	Uganda	Independência	Adelino Chitofu Guambe, Malhahele, Daud		imperialista

	Moçambique						
COSERU	Comité Secreto de Restauração da UDENAMO	1962	Lusaka	Independência	Adelino Chitofu Guambe Paulo Gumane	Uniao	
MORECO	Mozambique Revolutionary Council	1964	Lusaka	Independência mobilização anti-colonial	União com Udenamo Moçambique	Politico militar	
NESAN	Núcleo dos Estudantes Africanos Secundários de Moçambique	1949		Discutir o nacionalismo		Socio-político	
PAPOMO		1966	Kampala	Independência mobilização anti-colonial	Gumane	Socio-político	
PCN	Partido de Coligação Nacional	1974	Beira Lourenço Marques	Anti Frelimo	Urias Simango, Paulo José Gumane, Basilio Banda, Joana Simiao e outros	liberal	
PLM	Partido de Libertação de Moçambique	1956 a 1957	Nas Minas da África do sul	Independência	Tomas Betulane Nhantumbo Diniz Mengame	Socio-político	Nacionalista
UNAR	Rumbezia African National Union	1968	Malawi	Independencia da Zambezia			
PSC	Partido socialista Católico	1953	Inhambane	Representantes do Núcleo negrofilo	Hlomulo Chitofu Gwambe		socialista

PUN	Partido da Unidade Nacional	1960	Lourenço Marque	Independência Unidade Nacional	Hlomulo Chitofu Gwambe		socialista
UDENAMO	União Nacional	1960	Região da Beira Centro	Independência reagir à	Adelino Chitofu		Socio-político

	Democrática de Moçambique		de Moçambique	primeira onda de descolonização em África	Guambe, David Mabunda, Uria Simango, Guambe, e o Gumane Lazu kavandame		
UDENAMO Mocambique		1963	Cairo com sede na ilha de mocambique	Independência mobilização anti-colonial		Socio-político	
UDENAMO Monomotapa		1963	Kampala	Independência mobilização anti-colonial		Socio-político	
UNAMI	União Africana de Moçambique independente	1960 1961	Teve origem em Malawi	Reagir à primeira onda de descolonização em África	José Baltazar de Costa Chagong'a	Socio-político	
UNEMO	União Nacional dos Estudantes de Mocambique	1963	E.U.A e Europa	Discutir o nacionalismo mobilização anti-colonial		Socio-político	
UNM	União Makonde de Moçambique	1957				Economico e politico	
MAPU					Adelini NGUAMB E		
PALMO			UNIÃO DEMOCRÁTICA				
PANADE			UNIÃO DEMOCRÁTICA				
PANAMO			UNIÃO DEMOCRÁTICA				
UNAMIO	União Nacional Africana de Moçambique						
PADEMO	Partido Democrático de Moçambique						



PRD	Partido Renovado de Mocambique						
PT	Partido Trabalhista						
UD	Uniao democrática de Mocambique						
PIMO	Partido Independente de Mocambique						

## BIBLIOGRAFIA

### Documentos

NB: Disponível; <http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.CHILC> :  
 HTTP: <http://casacomum.org.hdl.handle.net/11002/fms> e Arquivo Torretombo no formato digital

1. <http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.CHILC> O246-Description-COREMO Constitution and Programme following the first Congress. 28 p.1965
2. <sup>1</sup> Entrevista do Fanuel Mathusa. AHM, MP-c853 1467 conduzida pelo Gerlad Leisegang, Joel Tembe e Simeão Jaime. 09.09.2001
3. <sup>1</sup><http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012x>(Actividades dos chamados movimentos de libertação de Moçambique). Conversações em Lusaka tendentes à unificação dospartidos políticos moçambicanos: FRELIMO, UDENAMO,MONOMOTAPA, MANC, UDENAMO MOÇAMBIQUE 1965 p 5.
4. <sup>1</sup>[http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555\\_al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555_al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm) (Movimento de Emancipação de Moçambique/2: elementos de referência). Documento interno do MNE: MANU,UDENAMO,FRELIMO,MANC; quadro tribal, interferências externas, cronologia...1965p14
5. <http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=10.5555/AL.SFF.DOCUMENT.CHILC> O270 (Press communique)-Press release from COSERU regarding its opposition to FRELIMO.1963 p 3
6. <sup>1</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-A-1-2649\_m0024
7. <sup>1</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0051.jpg
8. <sup>1</sup> Aquino de Bragança Foi um jornalista, militante da FRELIMO e conselheiro do Presidente Samora Machel e morreu no acidente de Mbuzine.
9. <sup>1</sup> Hall (1999, p.49-50), concebe a identidade como um conjunto de representações, construído em situações específicas, um “modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”.
10. <sup>1</sup> Neste período o Partido FRELIMO se confunde com o Estado dia.

11. <sup>1</sup> Blaise Diagne (13.08.1872 a 11.05. 1934) foi um líder político francês e Prefeito de Dakar, também o primeiro negro Africano eleito para a Câmara dos Deputados francesa, o primeiro a ter uma posição no Governo Francês
12. <sup>1</sup> William Edward Burghardt "W. E. B." Du Bois – 23.02.1868 a 27.08. 1963 foi um americano sociólogo, historiador, ativista dos direitos civis, Pan-africanista, autor e editor. Nascido em Great Barrington, Massachusetts, Du Bois cresceu numa comunidade relativamente tolerante e integrada. Depois de se formar em Harvard, onde foi o primeiro americano Africano para ganhar um doutorado, ficou professor de história, sociologia e economia na universidade de Atlanta foi também um dos co-fundadores da Associação Nacional para o Avanço das Pessoas de Cor (NAACP) em 1909
13. <sup>1</sup> (s.d.), "Moçambique - organizações proto-nacionalistas", CasaComum.org, Disponível HTTP: [http://hdl.handle.net/11002/fms\\_dc\\_84516](http://hdl.handle.net/11002/fms_dc_84516) (2015-4-16)
14. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012oo-> Sobre a prisão de dirigentes do MANC e a sua importância real .1963 p3
15. <sup>1</sup><http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012z> Aparecimento do MANC Format extant.1963.p3
16. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm> (Movimento de Emancipação de Moçambique/2:elementos de referência)
17. <sup>1</sup><http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012dd> (Informação [da PIDE ao MNE) Entrega pela Rodésia do Sul de dirigentes do MANC às autoridades portuguesas. 1964 p1
18. <sup>1</sup><http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012ii> (Informação da PIDE). Sobre a prisão de dirigentes do MANC: o que aconteceu e o que a polícia recomenda que se diga.1963. p1
19. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012uu> (Carta ao Director da Delegação da PIDE). Referência à Carta do MANC ao Ministro da Justiça da Rodésia do Sul em que se pedia a legalização do MANC 1963. p.3
20. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-> AOS/CO/UL,001-00046 Gumane estudou na Missão Católica São Francisco de Assis de Mocumbi – Inhambane, tendo frequentado o ensino secundário na Escola de Habilitação de Alvores de Manica. Posteriormente, ao longo de seis anos, ensinou em diversas Missões e escolas governamentais, vindo a demitir-se, alegando discriminação racial. Parte para a África do Sul, onde ficou chocado com a política de Apartheid. Em Joanesburgo arranja emprego e ingressa no Trade Union Movement, onde inicia a sua carreira política. Ingressa no ANC em 1946. Em 1959, ingressa no PAC (Pan Africanist Congress). Foi ainda eleito para o Cape Town Branch Secretary of the Laundry and Dry Cleaners Workers Union. Em 1960 regressa a Moçambique com a intenção de auxiliar a luta contra a colonialismo e imperialismo português. Aí funda a União dos Agricultores Africanos. Para evitar a prisão, foge para a Cidade do Cabo. Quando da formação da UDENAMO foi eleito para Secretário Nacional da Organização, sob a liderança de Adelino Chitofu Gwambe. É preso em Cape Town, mas consegue fugir em Setembro de 1961 para a Bechuanalândia e, em Novembro, segue para Dar-es-Salam, onde se junta aos combatentes da liberdade para Moçambique. Forja a união que deu origem à FRELIMO, que abandona em 1963. E, já no Cairo, vai reabilitar a velha UDENAMO. Em 1965, com o apoio do governo

- zambiano, inicia nova campanha de união de movimentos independentistas e, em Lusaka, forma a COREMO. In Arquivo Nacional – Torre do Tombo,
21. <sup>1</sup> Marcelino dos Santos- Kalungane seu pseudoanónimo- foi revolucionário já em Portugal quando se encontrava a estudar tendo sido preso por participar em encontros comunistas, em Portugal e União Soviética e depois, expulso exilou-se na França onde continuou a participar nos movimentos para libertação das colónias portuguesas.
  22. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012uu> (Carta ao Director da Delegação da PIDE) Referência à Carta do MANC ao Ministro da Justiça da Rodésia do Sul em que se pedia a legalização do MANC Format extent.1963.p3
  23. <sup>1</sup> David Mabunda - Moçambicano nascido na África do sul filho de emigrantes.
  24. <sup>1</sup> O comprovativo de que a «African Freedom Fighters Conference» realizou-se de Maio a Junho de 1962 é a notícia dada pelo jornal ganiano, Evening News, edição de 6 de Junho de 1962 (pp 1 e 2), com o título, “Mozambique Parties Answer Osagyefo’s ‘Close Ranks Call’”. “Osagyefo” (ou Redentor) era o título honorífico de Kwame Nkrumah.
  25. <sup>1</sup> Fonte oral Domingos Chivambo
  26. <sup>1</sup> A NESAM foi um Núcleo de Estudantes Secundários Africanos de Moçambique enquanto uns dos líderes foi segundo presidente foi República Popular de Moçambique Aberto Joaquim Chissano, sucedido pelo Armando Emílio Guebuza o segundo Presidente da República de Moçambique e terceiro Presidente de Moçambique. Chissano mais tarde vai para França estudar juntamente com o Pascoal Mucumbe em contacto com o Marcelino dos Santos, Dr. Eduardo Mondlane ingressa na FRELIMO.
  27. <sup>1</sup> Entrevista do Mathuza na TVM feita pelo Emílio Manhique no Programa no singular em 1993.
  28. <sup>1</sup> Marcelino dos Santos no seu comunicado no simpósio dos 50 anos explica a questão da denominação étnica de Maconde. Refuta que ao chamar maconde aquele grupo na altura da luta de libertação tinha como objectivo descrinar ou indicar grupo de cabo delgado e mostra que eram todos chamados de macondes inclusive ele próprio por pertencer ao UDENAMO. Para referir e como na África do sul que chamam a todos os moçambicanos de Machangana.
  29. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm>. Documento Interno do MNE; MANU, UDENAMO, FRELIMO e MANC; quadro tribal, interferências externas, cronologia...1963.p 7
  30. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012mm> (Movimento de Emancipação de Moçambique/2: Documento interno do MNE: MANU, UDENAMO, FRELIMO, MANC; quadro tribal, interferências externas, cronologia...1963 pp.14
  31. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco264>- Documents relating to COREMO application for AAPSO membership. 1967
  32. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012x> (Conversações em Lusaka tendentes à unificação dos partidos políticos moçambicanos: FRELIMO, UDENAMO, MONOMOTAPA, MANC, UDENAMO MOÇAMBIQUE 1965 p.2)
  33. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012x> (Conversações em Lusaka tendentes à unificação dos partidos políticos moçambicanos:

- FRELIMO, UDENAMO, MONOMOTAPA, MANC, UDENAMO MOÇAMBIQUE 1965 p.4)
34. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco253> Resolutions from the Preparatory Committee of the Mozambique Revolutionary Committee (COREMO).1965. P.2
  35. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco264>- Documents relating to COREMO application for AAPSO membership.1967. p2-9
  36. <sup>1</sup> [www.aluka.org/action/showmetadata?Doi=10.5555/al.sff.document.chilco246](http://www.aluka.org/action/showmetadata?Doi=10.5555/al.sff.document.chilco246)- coremo Constitution and Programme following the first congress.1965.P1-28
  37. [www.aluka.org/action/showmetadata?Doi=10.5555/al.sff.document.chilco246](http://www.aluka.org/action/showmetadata?Doi=10.5555/al.sff.document.chilco246)- coremo Constitution and Programme following the first congress.1965.P1-28
  38. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/action/showmetadata?Doi=10.5555/al.sff.document.chilco219> Constitution of COREMO.1965,12 page(s)
  39. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00125> ([Press conference - Absorption of Udenamo and MANC into one body, COREMO]) With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein.1965 p4
  40. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012r> (Apoio da China aos Movimentos Terroristas) Elementos do PAPOMO e do COREMO treinados na China 1967. p1
  41. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012>(Apoio da China aos Movimentos Terroristas) Elementos do PAPOMO e do COREMO treinados na China 1967. p1
  42. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012i> (COREMO/ZAPU) Balamanja, secretário do COREMO.1971. p1
  43. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.pt-tt-pide-d-f-001-00012r>(relatorio da PIDE Movimentos Terroristas. Elementos do PAPOMO e do COREMO treinados na China 1967
  44. <sup>1</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0119.jpg relação de material bélico e relações internacionais 14.01.71
  45. <sup>1</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\\_m0119](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4_m0119)
  46. <sup>1</sup> Em anexo =PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0107 pedido de auxilio externo 1971 p1
  47. <sup>1</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\\_m0051](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1_m0051)
  48. <sup>1</sup> Immanuel Wallestein é director do Centro Fernand Braudel para Estudos de Economias, Sistemas Historias e Civilizacionais (Binghamton, N.Y.) e editor da revista trimestral Review
  49. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00125> ([Press conference - Absorption of UDENAMO and MANC into one body, COREMO]) With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein. 1965 p.4
  50. <sup>1</sup> [http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\\_m0137.jpg](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4_m0137.jpg)- COREMO serviços sociais, 31.01.1974
  51. <sup>1</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0303[1].jpg comunicado com embaixada de cairo em Elizabethville s/d

52. <sup>1</sup>[http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\\_m0137.jpg](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4_m0137.jpg) – COREMO serviços sociais, 31.01.1974
53. <sup>1</sup>[http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\\_m0354.jpg](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1_m0354.jpg) – delegação do coremo em pequim 7.9.65 p1
54. <sup>1</sup>[http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\\_m0002](http://www.aluka.org/action/showMetadata?doi=PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1_m0002) Panfleto distribuído pelo COREMO em Janeiro 1965
55. <sup>1</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0007.jpg refere que o campo estava situava-se dentro da Zâmbia 9.1972
56. <sup>1</sup> Em anexo digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4490404 -4\_m0117.jpg refere que o campo estava situava-se dentro da Zâmbia 9.1972
57. <sup>1</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0195.jpg – actividades do COREMO 9.11.1965
58. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco264>-Documents relating to COREMO application for AAPSO membership. 1967 p. 4
59. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.chilco224> (Comunicado da imprensa)- COREMO press release about fighting in Mozambique1966)
60. <sup>1</sup> Excerto do trabalho 1972. Os longos dez anos de (re) construção de pertenças em Moçambique, 1972-1982: uma cronologia
61. <sup>1</sup>Em anexo- PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0102.jpg – clivagem internas na luta pelo poder 1973
62. <sup>1</sup> Em Anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0056.jpg- Comunicado do consulado geral de Elizabethville 19.02.1966 p1
63. <sup>1</sup> Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0102 clivagem interna na luta pelo pude 26.07.1973
64. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00147> Attribution With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein.1968 p4
65. <sup>1</sup> Em anexo - PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-3\_m0019.jpg . Foram assassinados a tiro 15.01.70
66. <sup>1</sup> Em anexo - PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0112.jpg varias tentativas de mobilização financeira 17.01.1974
67. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00147> (Rumbézia African National Union (UNAR), Vol. 1,No.1) With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein.1964 p4
68. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00147> (Rumbézia African National Union (UNAR), Vol. 1,No.1) With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein. 1968 p 4
69. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.crlwal00145> ([Carta de um adventista do Sétimo Dia, refugiado no Malawi, a um sacerdote católico refugiado na Tanzania. Signed "Alberto."]). With thanks to the Center for Research Libraries, the Cooperative Africana Microform Project (CAMP), and Immanuel Wallerstein. 968.p1
70. <sup>1</sup> <http://www.aluka.org/stable/10.5555/al.sff.document.ahmtem19740512> (Tempo, No. 191)

71. <sup>1</sup> 'Boletim da República, ' 1.a série, n.os 1, de 25 de junho, 3 (suplemento) E 15, respectivamente de 1 e 29 de julho de 1975.
72. <sup>1</sup> Publicada no BR n.º1, I Série, Quarta-feira, 25.06.1975
73. <sup>1</sup> 4 8ª Reunião do Comité Central da Frelimo, publicada no BR n.º42, I Série, Sábado, 10.04.1976
74. <sup>1</sup> 2ª Sessão do Comité Central da Frelimo, publicada no BR n.º100, I Série, Terça-feira, 30.08.1977.
75. <sup>1</sup> Lei n.º11/78 de 15 de Agosto, publicada no BR n.º97, I Série, Terça-feira, 15.08.1978
76. <sup>1</sup> Resolução n.º11/82 de 01 de Setembro, publicada no BR n.º34, I Série, Suplemento de Quarta-feira, 01.09.1982.
77. <sup>1</sup> Lei n.º1/84 de 27 de Abril, publicada no BR n.º17, I Série, Suplemento de Sexta-feira, 27.04.1984.
78. <sup>1</sup> Lei n.º4/86 de 25 de Julho, publicada no BR n.º30, I Série, 2ºSuplemento, Sábado, 26.07.1986
79. <sup>1</sup> A Ivete Fernandes – de acordo com o relatório da PID/DGS PT-PIDE-D-001-4126-4\_m0043, uma senhora com o nome Ivete teria ludibriado a Cruz Vermelha Internacional, para transferir dinheiro de resgate dos portugueses capturados pela COREMO. Tendo se refugiado mais tarde na França.

### **Arquivo Histórico de Moçambique Fontes Orais e Doc da FRELIMO**

Entrevista do Fanuel Mathusa. AHM, MP-c853,4,6,7,8 1467-88 conduzida pelo Gerhad Leisegang, Joel das Neves Tembe e Simeão Jaime. 09.09.2001 a 14.11.2001

Entrevista do Samuel Simango. AHM, MP-c870,1 1469 conduzida pelo Gerhad Leisegang, Joel das Neves Tembe e Simeão Jaime. 09.09.2001 a 14.11.2001

Entrevista Abner S. Mutemba. Conduzida pela Teresa Cruz e Silva, Alexandrino José (1985), Moçambique - entrevista, casacomum.org, disponível [HTTP//adl, ut//oo2fma\\_dc\\_84668](http://adl.ut/oo2fma_dc_84668)

Lei n.º1/84 de 27 de Abril, publicada no BR n.º17, I Série, Suplemento de Sexta-feira, 27.04.1984.

Lei n.º11/78 de 15 de Agosto, publicada no BR n.º97, I Série, Terça-feira, 15.08.1978

Lei n.º4/86 de 25 de Julho, publicada no BR n.º30, I Série, 2ºSuplemento, Sábado, 26.07.1986.

Resolução n.º11/82 de 01 de Setembro, publicada no BR n.º34, I Série, Suplemento de Quarta-feira, 01.09.1982.

2ª Sessão do Comité Central da Frelimo, publicada no BR n.º100, I Série, Terça-feira, 30.08.1977.

4 8ª Reunião do Comité Central da Frelimo, publicada no BR n.º42, I Série, Sábado, 10.04.1976

Boletim da República, ' 1.a série, n.os 1, de 25 de junho, 3 (suplemento) E 15, respectivamente de 1 e 29 de julho de 1975.

### **Anexos**

Em anexo- \PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-3\_mm0120

Em anexo- \PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0119

Em anexo =PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0107

Em anexo [digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4490404](http://digitarq.dgarq.gov.pt/viewer?id=4490404)

Em anexo PT-TT-PIDE-D-A-1-2649\_m0024  
Em anexo PT-TT-PIDE-D-A-1-2649\_m0024 (2)  
Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-1\_m0051.jpg  
Em anexo PT-TT-PIDE-D-C-001-4126-4\_m0102

## Artigos

BALANDIER, Georges (1993): *A Noção de Situação Colonial*. “**In caderno campos N.3**”, pp.25

CHICHAVA, Sérgio. (2008) *Por uma leitura sócio-histórica da etnicidade em Moçambique*. In Discussion Paper nº 01.IESE pp: 1-17

FLORÊNCIO, Fernando,(2001). *Identidade etnias e práticas políticas entre os valores vaNdaus de Moçambique*. Dep. Antropologia FCT.UC. Porto

LOPES de CAMPOS, Armando Gil. (1994). *Africa do Sul – Potencia Regional*. Lisboa

MASLOW, Abraham (1943), *Motivation and Personality*. New york

LEANDRO, ( 2010) “*A GÉNESE DA FRELIMO*” - *Os grupos e interesses na formação da Frente de Libertação Moçambicana (1964-1974)*. Lisboa

RESENDA, Claudia (2008) *Migrações, Etnicidade e Racismo*. Serie 470.UNL. Lisboa

SALES, Cristina Lima (2012) *Etnias Fronteiras e Ciências Humanas: A Contribuição da América*. “**In Revista Eletrónica Cadernos de Historia**”, ano 7, n.2

SERRA, Paula (1998) *Dinfo: histórias secretas do serviço de informações militares*, Publicações Dom Quixote

## Referencias bibliográfica

AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos Matos: (2000) *Os Anos Da Guerra Colonial 1961.1975*.Lisboa

AFONSO, Aniceto e GOMES, Carlos Matos: (2013) *ALCORA – Acordos Secretos do colonialismo*. Divina comedia editores. Lisboa.

ASSUBUJI Rui, ISRAEL Paolo, THOMPSON Drew, (2013) *Aquilo que o Povo Precisa Saber “in” Kronos. Uhuru na kazi: Recapturing MANU Nationalism through the Archive*. 39 Southern African Histories. Western Cap Univercity

CABRITA, Dalila. (2010) *Nacionalistas de Moçambique, da luta armada á independência*. Textos Editoras. Alfragide

- CABRITA, João M.(2000) *Mozambique – The Tortuous Road to Democracy*. Editora: Palgrave Macmillan, Londres; St. Martin’s Press, Nova Iorque.
- CABAÇO, José Luís (2007) *Moçambique: Identidades, Colonialismo e libertação*. São Paulo
- COELHO, Joao Paulo Borges, (1989). *O início da luta de Libertação em Tete, 1968-1969: a primeira fase da guerra e a reacção colonial*. Editora AHM. Maputo
- DUARTE DE JESUS, Manuel Manuel, (2010) *Eduardo Mondlane Um Homem A Abater*. Almedina. Coimbra
- HENRIKSEN, Thomas H.(1978). *Mozambique: A History*. Rex colling London & David Philip. Cape Town
- KHAN, Sheila (2009), *Imigrantes Africanos Moçambicanos. Narrativa de Imigração e de Identidade e Estratégias de Aculturação em Portugal e na Inglaterra*. Lisboa, Editora Colibri.
- LEITE, Rogério Cerqueira (1983) *que, tem medo do nacionalismo*. São Paulo. (21-22)
- LIESEGANG, J. Gerhard (1996) *Ngungunhane “in” coleção embondeiro, nº 8*. ARPAC Maputo
- OLIVEIRA, Paulo.(2006), “Dossier Makwakwa” *Uma descida ao coração das trevas*. Editora Europress. Lisboa
- MICHEL Cahen. (2005) “*Luta emancipação anti-colonial ou movimento de libertação nacional? Processo histórico e discurso ideológico - o caso das colónias portuguesas e de Moçambique em particular*, “in” *África Studia*, Edição da Faculdade de Letras da Universidade do Porto: pp 39-67
- MINTER, William (1989) *The Mozambique National Resistance (RENAMO) as described by ex-participants*. Washinton, DC, Georgetow University
- MOIANE, Phahlane José (2009). *Memórias de um guerrilheiro*. Editora. King Ngungunhane. Maputo
- MOMA, José Abel (2012) *Reconsiderando as origens da construção do regionalismo na África austral, trinta anos depois. Por uma leitura construtivista das origens da SADC*, Lisboa pp. 109-121
- MUIUANE, Armando Pedro (2000) *Datas e Documentos da História da FRELIMO*. III Edição, Editor Armando Pedro Júnior. Maputo
- NCOMO, Barnabe Lucas (2003) *Urias Simango. Um Homem, Uma causa*. Ed. Novafrica. Maputo
- TEMBE, Ndelane Lopes (2014) *Da UDENAME a FRELIMO e a Diplomacia Moçambicana*. Editora Moçambique. Maputo



- NUNES, J. A. (2010) *O resgate da Epistemologia*. In SANTOS, B. S. MENESES, M. P. (Org.). *Epistemologias do Sul*. Porto São Paulo: Cortez, p. 261-290.
- SANTOS, B. S.(2010b) *Para além do pensamento abissal: das linhas globais a uma ecologia dos saberes*. SANTOS, B. S; MENESES, M. P. In *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez, p. 31-83
- SOUSA Jr, Fernando de Sousa (2013) *Nacionalismo Africano no caminho para a democracia: a transição do poder colonial para o partido único nos PALOP*. “**In Instituto Superior de Economia e Gestão**”. Lisboa.
- TEMBE, Joel das Neves (2014) *História da luta de libertação Nacional*. Vol. 1.MICO. pp.1-185, Maputo
- TOR SELLSTRÖM (2008) *A Suécia e as lutas de libertação nacional em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau*. Nordiska Afrikainstitutet, UPPSALA
- UNESCO (1963) *Conference on the development of higher education in Africa*, Tananarive, Paris
- VELOSO, Jacinto (2007) *Memórias em voo rasante*, III Ed. Editora Papa- letras e Fnac. Lisboa
- VIEIRA, Sérgio (2011) *Participei, Por isso Testemunho*. Editora Ndjira. Maputo
- WALLENSTEIN, Immanuel (1979) *the Modern World-System: Capitalist Agriculture and the Origins of the European, World-Economy in the Sixteenth Century*. New York: Academic Press, pp. 229-233.
- YUSSUF, Adms (2010) *Escapar dos dentes de leopardo e cair nas garras do leão*. MAPUTO